

2. Desconcertos de um texto

2.1. A anedota das *Anékdota*

Um monge italiano, em meados do século XV, devotava especial apreço pelos livros e não media esforços para colecioná-los. Esse jovem e erudito sacerdote recebera sobre a pia batismal o nome de Tommaso Parentucelli. O amor e o interesse pela preservação das antigas fontes eram dispendiosos e difíceis, visto que a oportunidade de aquisição de um raro manuscrito poderia ser única e, por tal, de valor inestimável. Além disso, a produção de um exemplar consumia dias a fio do atento trabalho de um copista. Diferentemente de nossa época, quando a multiplicidade de meios de reprodução é cada vez maior, no século XV a sobrevivência de uma obra, ou até de um autor, poderia resumir-se na dramática preservação de um só manuscrito. Adquirir, copiar e guardar velhos escritos eram ações determinantes: tratava-se de legar para a humanidade futura as obras do passado ou, então, perdê-las para todo o sempre, deixando para a posteridade a aflitiva sensação de imaginar o que se poderia conhecer e jamais se conhecerá.

Mas Parentucelli foi um desses homens teimosos que, direta ou indiretamente, assumiu a quase sempre inglória luta contra a corrosão do tempo. Jacob Burckhardt chega a dizer que Parentucelli: “endividou-se para comprar manuscritos ou mandar copiá-los”⁵; e, logo em seguida, o historiador suíço interpreta a irresistível paixão bibliófila como a genuína expressão de uma época: “ele [Parentucelli] professava abertamente as duas grandes paixões do Renascimento: os livros e as edificações”⁶. Anos depois, em 6 de março de 1447, Tommaso Parentucelli tonava-se o Papa Nicolau V e entraria para a História como o primeiro papa do Renascimento⁷.

A ascensão do já então Cardeal Parentucelli ao trono de São Pedro fez com que seu interesse pelas letras pudesse tomar perspectivas ainda maiores. Nicolau V empreendeu um verdadeiro projeto humanista de valorização das artes e das

⁵ BURCKHARDT, Jakob: **A cultura do Renascimento na Itália: um ensaio**. p. 150

⁶ Idem

⁷ Cf. MCBRIEN: **Santos e Pecadores**.

letras. Enviados papais vasculharam as antigas bibliotecas da Europa para copiar e adquirir manuscritos. A abandonada cidade de Roma passaria por uma série de reformas; o Vaticano transformou-se na residência dos papas e a velha basílica constantina de São Pedro, prestes a ruir, foi reformada e recebeu uma vasta praça à sua entrada, no centro o obelisco do circo de Nero seria colocado e até hoje lá permanece triunfante.

Nicolau V decretara 1450 como ano do jubileu. Entretanto, as peregrinações se fizeram difíceis, pois a peste iria assolar a cidade de Roma. Nessa ocasião, o papa deu mais uma prova do afã bibliófilo. Ao refugiar-se em Fabrino, fugindo da peste, fez com que os copistas e tradutores a seu serviço também o acompanhassem. É Burckhardt, ainda outra vez, que interpreta tal gesto como um testemunho da devoção papal à sua estimada coleção, o que nos parece bastante plausível, porque, talvez, a mais importante obra desse papa tenha sido realmente sua biblioteca. Ao morrer em 1455:

Nicolau V deixou 5 mil volumes — ou 9 mil, dependendo da maneira como se calcula — para uma biblioteca criada para o uso efetivo de todos os membros da cúria, biblioteca esta que se tornou o núcleo da biblioteca do Vaticano⁸ e que seria instalada no próprio palácio, na qualidade de seu mais nobre adorno, como outrora fizera o rei Ptolomeu Filadelfo de Alexandria⁹.

Mais de um século e meio depois da morte de Nicolau V, em 1614, é nomeado, como *custode* da Biblioteca Apostólica Vaticana, Nicolò Alemanni¹⁰. Este era um sacerdote, de origem grega¹¹, nascido, em 1583, em Ancona, cidade da península itálica, que pertencia então aos domínios papais. Estudara no Colégio Grego de Roma e, desde cedo, manifestara interesse pelas línguas clássicas. Ainda

⁸ John Larner, em verbete consagrado ao papa Nicolau V, no Dicionário do Renascimento Italiano, endossa a afirmação de Burckhardt ao dizer: “Um colecionador compulsivo de livros, pode ser considerado o verdadeiro criador da biblioteca do Vaticano” Larner, John in Hale, John R.: Dicionário do Renascimento Italiano. p. 250. Já Jeanne Bignami Odier considera “[...] que os projetos de Nicolau V não foram realizados, e que o verdadeiro fundador da biblioteca Vaticana foi Sixto IV” (A tradução é nossa) Odier, Jeanne Bignami: **La Bibliothèque Vaticane de Sixte IV à Pie XI, 1973**. p. 9-10. Richard P. McBrien concorda em ver Nicolau V como o fundador da Biblioteca Apostólica Vaticana, pois afirma a respeito desse papa: “Acumulou uma grande biblioteca pessoal de livros e manuscritos (807 em latim e 353 em grego), que depois da sua morte, formou a base da biblioteca do Vaticano” McBrien, Richard: Os Papas: os pontífices de São Pedro a João Paulo II, 2000. p.266

⁹ BURCKHARDT, Jakob: **A cultura do Renascimento na Itália: um ensaio**, p. 150

¹⁰ A grafia prenome de Alemanni pode ser encontrada das seguintes formas Nicolò ou Niccolò. Optamos por Nicolò, grafia adotada pelo **Dizionario Biografico degli Italiani**.

¹¹ Cf. MAZZARINO: *La Fine Del Mondo Antico: Le cause della caduta dell’ompero romano*, p. 104

que muito jovem, foi professor particular de grego do futuro cardeal Cobeluzzi¹². Cobeluzzi indicou Alemanni para ser secretário do Cardeal Scipione Borghese¹³. Tanto Borghese como Cobeluzzi ocuparam sucessivamente o posto de Cardeal Bibliotecário¹⁴.

É dos fundos da biblioteca vaticana que Alemanni traz à luz um texto de Procópio de Cesareia que, até então, era dado como perdido; tratava-se das *Anékdota*, que passariam a ser conhecidas igualmente como *História Secreta*, devido à tradução latina. Em 1623, foi publicada em Lyon a edição bilíngue de Alemanni, o original grego seguido da tradução em latim. Na folha de rosto dessa *editio princeps*, lê-se: “De Procópio de Cesareia: *Anékdota*, História Secreta, que é o nono livro das Histórias. Da Biblioteca Vaticana, Nicoló Alemanni publicou, em latim traduziu e com notas esclareceu. Agora, pela primeira, vez é trazida à luz e enriquecida com um triplo índice.¹⁵” Essa descoberta desencadearia uma grande polêmica que haveria de percorrer todo o século XVII e se perpetuaria ainda por alguns séculos. Como afirma Santo Mazzarino a respeito das *Anékdota* “[...] sem dúvida, foi a obra mais atormentada e discutida da literatura tardo-romana”.¹⁶

2.2. Nicolò Alemanni e a pesquisa antiquária

O mesmo afã renascentista pela descoberta de textos antigos que, mais de um século antes, incentivara Nicolau V a constituir o núcleo da Biblioteca Vaticana, havia sido despertado e continuava a gerar seus frutos. A história da descoberta das *Anekdotas* é representativa desse movimento em relação ao passado, que surge no Renascimento e prossegue até bem depois dele. O fato de Alemanni ser *custode* na biblioteca que se originara daquela de Nicolau V não é vazio de significado.

¹² Cf. Página electrónica do *Archivum Secretum Vaticanum*:

<http://www.archiviosegreto.vaticano.va/scipione-cobelluzzi-1618-1626/> (Consulta em 23.05.2014)

¹³ Cf.: MERCATI, Silvio Giuseppe: “Alemanni, Nicolò” (verbete): **Dizionario Biografico degli Italiani** - Volume 2. 1960.

¹⁴ Lembremos que foi durante a administração do cardeal Borghese que Alemanni (4.7.1607 até 8-7-1609) foi nomeado *custode* e foi durante a de Cobeluzzi (17.2.1618 até 29.6.1626) que foi publicada a *editio princeps* da edição de Alemanni das *Anékdota*. (Em relação às datas Cf. Odier, Bignami Jeanne: **La Bibliothèque Vaticane de Sixte IV à Pie XI**, 1973. p. 328).

¹⁵ “PROCOPII CÆSARIENSIS V.I. ANEKΔOTA. ARCANA HISTORIA, Qui est liber nonus Historiarum. EX BIBLIOTHECA VATICANA Nicolaus Alemmanus protulit, Latinè reddidit. Notis illustravit. Nunc primùm in lucem prodit triplici Indice locupletata” Alemanni, 1623, p.2

¹⁶ Santo Marino: *La Fine Del Mondo Antico*, 2009. p104

Uma das importantes figuras intelectuais que se desenvolveram nesse período foi aquela do antiquário, espécie de colecionador e de pesquisador que foi identificada pelo historiador italiano Arnaldo Momigliano. Acreditamos que Alemanni possa ser considerado um típico antiquário na acepção de Momigliano. Como um bom antiquário, Alemanni tem por missão agrupar e classificar a maior quantidade possível de vestígios do passado. Vestígios esses que possam aportar informações sobre o que aconteceu. A descoberta das *Anékdota* haverá de desestabilizar a “verdade” histórica em diversas direções. São os antiquários que indiretamente parecem modificar a ideia de história.

Antes da construção do baldaquino de Bernini, no interior da Basílica de S. Pedro, em Roma, o papa Urbano VIII solicitou a Alemanni um parecer visando a preservação dos antigos vestígios que ali poderiam ser encontrados. Foi somente após a emissão deste que o Sumo Pontífice deu ordem para que as escavações se iniciassem. Alemanni foi igualmente designado para acompanhar as escavações da referida obra, praticando o que chamaríamos nos dias de hoje de arqueologia preventiva. No entanto, não pôde seguir adiante com as atividades, visto que, segundo nos informa a tradição, contraíra justamente durante as escavações uma febre que logo o levou à morte¹⁷. Foi ainda Alemanni que recebeu um dos maiores tesouros bibliográficos de todos os tempos, a Biblioteca Palatina, que fora ofertada por Maximiliano Eleitor da Baviera ao papa Gregório XV. Como podemos constatar, Alemanni era eminentemente um homem que lidava com o acúmulo e catalogação dos mais variados tipos de achados do passado, fôssem eles textuais ou arqueológicos.

Ao descobrir as *Anékdota*, Alemanni acaba por modificar o relato histórico, ação que remete não somente ao papel que foi desempenhado pelos antiquários, mas, também, à visão de História e de historiador que era compartilhada nesse período. Esse ponto é essencial para que possamos apreender o significado da repercussão que haveria de ser desencadeada pela edição de Alemanni. Devemos, então, com esse intuito, adentrar, mesmo que de forma breve, dois conceitos que se relacionam: o de antiquário, desenvolvido por Momigliano e o topos de *historia magistra vitae*.

¹⁷ Cf. NEVEU, Bruno : Biographie et historiographie : le “Dizionario biografico degli Italiani” (tomes I-X). In: Journal des savants. 1971, N°1. p.38

Momigliano assinala que haveria uma diferença na forma e no método de abordar o passado; por um lado haveria os antiquários e, por outro, os historiadores. A história teria tido suas matrizes definidas a partir de Tucídides, isto é, uma narrativa dos acontecimentos políticos e contemporâneos ao historiador. Já os antiquários tentariam acrescentar informações ao passado, através do estudo das moedas, das ruínas, dos costumes, da descoberta e da edição de textos. Os textos clássicos como os de Tucídides, Políbio e Tito Lívio não poderiam "ser questionados pelos historiadores modernos, a estes caberia simplesmente comentá-los, sintetizá-los e daí retirar os ensinamentos oferecidos pela *historia magistra vitæ* na melhor das acepções, como nos explica Momigliano:

Quando a história antiga era estudada em si mesma, independentemente da pesquisa arqueológica e da história universal, a intenção era não só pesquisar materiais para a reflexão moral e política, como também facilitar a compreensão de textos lidos em primeiro lugar por razões estilísticas. A exatidão e o caráter exaustivo das narrativas tradicionais eram dificilmente colocados em questão. Até onde se saiba, a ideia que se podia escrever uma história de Roma capaz de substituir Tito Lívio e Tácito não havia ainda nascido no começo do século XVII. O primeiro titular da cadeira de história ("*Camden*" *Professorship*) na Universidade de Oxford tinha a obrigação estatutária de comentar Florus e outros historiadores antigos (1622). [...] Em Cambridge, o primeiro professor de história foi despedido porque seus comentários sobre Tácito foram julgados politicamente perigosos¹⁸. (A tradução é nossa).

A anedota que nos é narrada por Momigliano é rica em significado, ela expressa toda uma ideia de História que era compartilhada até meados do século XVIII. Estamos a falar da História como *Ktéma* — termo grego empregado por Tucídides, ao dizer que a História era uma aquisição, um bem precioso para o futuro. Mas foi na expressão latina, cunhada por Cícero, que tal conceito se cristalizou de forma mais consistente, isto é, a *historia magistra vitæ*. O fato de um professor de História não poder fazer comentários a uma fonte histórica afigura-se a nossos olhos contemporâneos como algo de difícil compreensão. O

¹⁸ *Quand l'histoire ancienne était étudiée pour elle-même, indépendamment de la recherche archéologique et de l'histoire universelle, l'intention était soit d'y chercher des matériaux pour la réflexion morale et politique, soit de faciliter la compréhension des textes lus en premier lieu pour des raisons stylistiques. L'exatitudo et le caractère exhaustif des récits traditionnels était à peine mis en question. Autant que je sache, l'idée que l'on puisse écrire une histoire de Rome capable de remplacer Tite-Live et Tacite n'était pas encore née au début du XVII^e siècle. Le premier titulaire de la chaire d'histoire ('Camden' Professorship) à l'université d'Oxford avait l'obligation statutaire de commenter Florus et d'autres historiens antiques (1622) [...] À Cambridge, le premier professeur d'histoire fut renvoyé parce que ses commentaires sur Tacite ont été jugés politiquement dangereux. MOMIGLIANO: "L'histoire ancienne et l'Antiquaire". p. 254*

objetivo principal da História não seria propriamente atingir o idealizado núcleo do “real”, a “verdade” do que ocorreu. Qual seria então a função do historiador? Ao historiador caberia a preservação em letra dos feitos do passado e — caso fôsse bem sucedido em seus propósitos — que esse passado, que fora deitado em letra, proporcionasse, em tempos futuros, uma espécie de “guia” de como se portar diante das adversidades da existência. Para que tal concepção atingisse plenamente seu objetivo, era necessário ter por premissa que a natureza humana fosse sempre a mesma. Desfile das imutáveis paixões humanas, a História ofereceria assim as ferramentas para saber como os homens dever-se-iam portar face às mais diversas situações. Cabia ao historiador deslindar o emaranhado de fatos e paixões que conduziram os acontecimentos, e a partir daí, extrair um conhecimento de ordem eminentemente moral. No futuro, os que se pusessem a estudar os seus textos não teriam por preocupação primeira colocar em dúvida o que fora narrado, mas sim obter o máximo de ensinamentos sobre a natureza humana, conhecendo os vícios, virtudes e paixões. A função da História era essencialmente ensinar aos homens do futuro a não cometer os mesmos erros daqueles que os precederam, visto que a natureza humana era imutável, o repertório das possibilidades de desdobramentos da História, em essência, também o seria. Os homens do presente deveriam saber extrair o que era ensinado pela História e transformá-lo em uma verdadeira aquisição para a vida. Essa forma de perceber a narrativa histórica como “estável” e como fonte de ensinamentos morais é, em linhas gerais, a concepção do *topos* da *historia magistra vitae*. Quando a História é considerada *magistra vitae*, leva-se para um segundo plano a preocupação com a veracidade dos fatos, o principal é que ela possa insuflar de sabedoria o espírito dos seus leitores.

Para Koselleck, o *topos* da *historia magistra vitae* foi constante até meados do século XVIII, quando este começou a se dissolver. O historiador alemão recorre ao testemunho da própria língua alemã para endossar a sua tese. Antes de meados do século XVIII, predominava o vocábulo *Historie*, palavra plural, para se referir à História. A progressiva dissolução do *topos* da *historia magistra vitae* é acompanhado também da ascensão de um outro termo *Geschichte*. A história agora não mais seria um conjunto de relatos dos feitos dos homens do passado, um conjunto de situações que se repetiriam. Agora, a História era vista como

irrefreável, a indomável inauguradora de um processo temporal sempre novo. Já não mais serviria saber como os que nos precederam se comportaram diante de determinada situação, pois os homens sentiam então o tempo como irrepetível. Como nos explica Jasmin, a respeito das ideias de Koselleck:

Se a histórias (no plural) guardava a sabedoria acumulada pelos exemplos do passado para servir de guia à conduta presente, evitando a repetição dos erros e estimulando a reprodução do sucesso, a História (como singular coletivo) tornou-se uma dimensão inescapável do próprio dever, obrigando toda ação social a assumir horizontes de expectativa futura que a inscrevam como um desdobramento consoante com o processo temporal. Não se trata tão somente de uma alteração nos significados tradicionais, mas de uma verdadeira revolução nas maneiras de conceber a vida em geral, de imaginar o que nela é possível ou não, assim como o que dela se deve esperar¹⁹.

Levando em conta essa forma de apreensão da função da História fazem-se mais claras as razões que levaram o professor de Cambridge a ser demitido, ele saíra dos limites atribuídos a sua função. Mas Alemanni não era um historiador, enquadrava-se, sobretudo, na acepção de um antiquário. O trabalho do antiquário consistia no lento e sistemático acúmulo, catalogação e análise das fontes, vestígios e documentos do passado, o que acabaria incidindo sobre o olhar com que os textos canônicos da historiografia eram vistos, em suma, o relato da História viria a se modificar, influenciado indiretamente pelo trabalho dos antiquários. E foi tal processo que se deu com a descoberta das *Anékdota*.

O trabalho de Alemanni não seria vazio de grandes consequências. A publicação das *Anékdota* iria desestabilizar a imagem consagrada do Imperador Justiniano. Era o antiquário, como descrito por Momigliano, que através do seu metódico ofício modificava o conhecimento que os homens tinham a respeito da História. Mas quais eram as implicações políticas de tal descoberta? O que continham essas páginas que por tanto tempo permaneceram desconhecidas? E quem havia sido Procópio de Cesareia?

2.3. Entre o Estado e a Igreja

A descoberta das *Anékdota* ia contra toda uma imagem positiva que, até então, se formara a respeito de Justiniano. Essa imagem se cristalizara como aquele

¹⁹ JASMIN, Marcelo: Apresentação in Koselleck, Reinhard: *Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. p.11

imperador que empreendera um gigantesco e sistemático trabalho de unificação jurídica das leis e que tentara concretamente, pela última vez, reconstituir a unidade territorial do Império Romano. Mas a descoberta de Alemanni se dá inteiramente por acaso, ela ocorre no seio da corte papal. Aos interesses políticos do papado convinha um documento histórico que destituía Justiniano da sua grandiosidade. Como diz Santo Mazzarino:

Alemanni, natural de Ancona, de origem grega, formou-se em estudos de história eclesiástica, no seio de uma tradição inaugurada pelo cardeal Baronio com os *Annali*, publicados de 1588 a 1607. Essa tradição baroniana não podia ter excessiva simpatia por Justiniano; esse grande imperador, realmente preocupado em conservar a todo custo o Egito, havia tentado conciliar a ortodoxia com os rebeldes ao Concílio da Calcedônia, e por isso tivera que manter um conflito, às vezes áspero, às vezes moderado, com os papas. A descoberta das *Anékdota* aparece aos historiadores de tendência baroniana como uma bênção: agora, finalmente, vinha à luz um novo perfil de Justiniano, príncipe dominado pela demoníaca Teodora. E, na verdade, Alemanni foi, em certo sentido, um pequeno Löwenklav abatendo o mito de Constantino, assim o novo livro de Procópio levou a uma revisão do juízo sobre a personalidade de Justiniano. (As descobertas de novos textos são, em certo sentido, menos “casuais” do que parecem à primeira vista; há, pelo menos, um quê de “necessário” no encontro entre o pesquisador e sua a descoberta)²⁰.

Como podemos constatar, Santo Mazzarino filia Alemanni à escola historiográfica fundada por Cesare Baronio (1538-1607), este que foi Cardeal Bibliotecário da Biblioteca Vaticana e é considerado como *pater historiae ecclesiasticae*, pai da história eclesiástica²¹. Através dos seus *Annales ecclesiastici a Christo nato ad annum 1198* (*Anais eclesiásticos do nascimento de Cristo até o ano de 1198*), ou simplesmente *Annales*, organizou a resposta historiográfica da Contra Reforma à *Ecclesiastica Historia*, mais conhecida como *Centúrias de Magdeburgo*. As *Centúrias* eram o primeiro grande esforço historiográfico que

²⁰ “Alemanni era un anconoteano di origine greca, formatosi agli studi di storia ecclesiastica, nel segno di una tradizione inaugurata dal Cardinale Baronio con gli *Annali*, pubblicati dal 1588 al 1607. Questa tradizione baroniana non poteva avere eccessive simpatie per Giustiniano; quel grande imperatore, infatti preoccupato di conservare a tutti i costi l'Egitto, aveva cercato di conciliare l'ortodossia con i ribelli al Concilio di Calcedonia, e perciò aveva dovuto sostenere un conflitto aspro or moderato, coi papi. La scoperta delle *Anékdota* parve, agli storici di tendenza baroniana, una benedizione: ora, finalmente, veniva alla luce un nuovo volto di Giustiniano, principe dominato dalla demoniaca Teodora. Ed in verità, Alemanni fu, in un certo senso, un piccolo Löwenklav. Come la tradizione di Zosimo aveva indotto Löwenklav ad abbattere il mito di Costantino, così il nuovo libro di Procopio indusse Alemanni ad una revisione del giudizio sulla personalità di Giustiniano. (Le scoperte di nuovi testi sono, in un certo senso, meno “casuali” di quel che sembra a prima vista; c'è, per li più, un che di “necessario” nell'incontro tra il ricercatore e la sua scoperta.)” SANTO, Mazzarino: *La Fine del Mondo Antico: le cause della caduta dell'impero romano*, 2009. p.104

²¹ Cf. KLANICZAY, TIBOR (Org.) et alii: *Histoire comparée des littératures de langues européennes – L'Époque de la Renaissance*, 1996-2000. p. 25

tentava dar conta da história da Igreja, desde os seus primórdios até o século XII, a partir do ponto de vista da Reforma Protestante. O trabalho de Baronio era eminentemente antiquarista, “*peritissimus antiquaritatis*” tinha uma grande preocupação na recolha de documentos desempenhando importante papel “na definição do perfil científico inicial da Arqueologia cristã”²².

A publicação das *Anékdota* foi percebida pelos defensores do fortalecimento do Estado, em sua maioria juristas das regiões protestantes, e, por tal, contrários a intervenção da Igreja, como um ataque a suas ideias. Não nos esqueçamos de que a edição de Alemanni é publicada em plena Guerra dos Trinta Anos (1618-1648). Conflito desencadeado pela tensão entre católicos e protestantes no seio do Sacro Império Romano Germânico, refletindo, em grande parte, a aspiração política de autonomia dos príncipes protestantes face aos imperadores Habsburgo, que, por sua vez, eram endossados pelo desejo político de hegemonia do papado — ainda que esse desejo de hegemonia viesse a ser frustrado pelo espírito da *realpolitik* do tratado da Vestafália que pôs fim aos conflitos. Logo, quando da publicação das *Anékdota*, a defesa da veracidade do seu conteúdo e/ou autenticidade autoral era percebida como papista. Como síntese, mais uma vez Santo Mazzarino:

A questão de fundo era moderna. O problema que estimulou a polémica procopiana foi aquele das relações entre Estado e Igreja. A Alemanni, e geralmente aos “baronianos”, Justiniano aparecia como o adversário do papado. Aos juristas adversários de Alemanni, Justiniano aparecia como o defensor do direito do Estado.

2.4. Peripécias de um texto “incômodo”

I. 1. Tudo o que aconteceu até o presente, nas guerras, à nação dos romanos, eu contei, tanto quanto pude fazê-lo, apresentando todos os acontecimentos segundo os tempos e lugares. O que segue, contrariamente, não mais será exposto desta maneira, pois aí será descrito tudo o que aconteceu em todas as regiões do Império Romano. 2. A razão é que me afigurava impossível, enquanto os atores dessa história ainda estivessem vivos, de escrevê-la da maneira que convinha. Não era de fato possível escapar da multidão de espíões, tampouco, caso fosse descoberto, de perecer de uma morte cruel; nem mesmo aos mais íntimos dos meus próximos poderia confiar. 3. Bem mais, nos livros que precedem, pela força tive que calar as causas de vários acontecimentos que contava. Necessário será então revelar ao mesmo tempo o que ficou dissimulado até agora e as causas dos

²² SPERA, Lucrezia: “Cesare Baronio, ‘peritissimus antiquitatis’, e le origini dell’archeologia Cristiana”. p. 393

acontecimentos que contara anteriormente em meu texto. 4. Entretanto no momento em que me ponho nesta nova tarefa, árdua e incredivelmente difícil — a vida de Justiniano e Teodora — eis-me aqui a tremer e a hesitar no mais alto grau ao me dar conta que o que agora escrevo não haverá de parecer verdadeiro, nem digno de fé para a posteridade. Temo particularmente, quando muito tempo tiver passado e tiver feito do meu texto algo um pouco antigo, de receber a reputação de um contador de história e de ser colocado entre os poetas trágicos. 5. No entanto, não hei de recuar diante da amplitude da tarefa, tendo a certeza de que os meus dizeres não serão sem respostas. Os homens de hoje que são os mais sérios testemunhos dos fatos, serão garantias suficientes, para os tempos vindouros, do crédito que lhes devem conceder²³. (A tradução é nossa)

São com essas palavras que Procópio de Cesareia abre o mais intrigante de seus livros: as *Anékdota* ou *História Secreta*. Devemos nos deter com um pouco mais de atenção na análise do que nos diz o historiador bizantino. No prólogo, são abordados diversos temas que geram questões particularmente pertinentes ao trabalho do historiador. Procópio faz referência a escritos anteriores, nos quais não fora possível expressar toda verdade — pelo menos não relatara o que acreditava ser a verdade. A razão de seu silêncio é justificada pelo próprio risco de perder a vida, pois vivia em tempos de opressão e temor. Diríamos que parece surgir nas entrelinhas uma espécie de pedido de perdão. Perdão ao leitor, mas, sobretudo, à idoneidade da História. Talvez, Procópio tenha consciência de que falhou, pois não expôs todos os fatos e causas que estavam ao seu alcance para compor o texto. Nas *Anékdota*, o historiador de Cesareia constrói uma narrativa em que o reinado de Justiniano é visto como paroxismo dos piores vícios cristãos, como a luxúria, a cobiça, a corrupção e a injustiça. Teodora, mulher do imperador,

²³ I. 1. *Tout ce qui est arrivé jusqu'à présent, dans les guerres, à la nation des Romains, je l'ai raconté, autant que j'ai pu Le faire, en présentant tous les événements suivant les temps et les lieux. Ce qui suit, en revanche, ne sera plus exposé de la manière susdite, car y sera décrit tout ce qui est arrivé dans toutes les régions de l'Empire romain. 2. La raison en est qu'il ne m'était pas possible, tant que les acteurs de cette histoire étaient encore en vie, d'en écrire de la manière qui convenait. Il n'était possible en effet, ni d'échapper à la multitude des espions, ni, si j'étais démasqué, de ne pas périr d'une mort cruelle ; même aux plus intimes de mes proches je ne pouvais faire confiance. 3. Bien plus, dans les livres qui précèdent, force m'a été de taire les causes de bien des événements que je racontais. Il me faudra donc révéler à la fois ce qui est resté dissimulé jusqu'à présent et les causes des événements que j'ai racontés auparavant dans mon texte. 4. Au moment pourtant ou je me mets à cette nouvelle besogne, ardue et incroyablement difficile — la vie de Justinien et de Théodora —, me voici à trembler et à hésiter au plus haut point en me rendant compte que ce que j'écrirai à présent ne paraîtra ni vrai, ni digne de foi à la postérité. Je crains en particulier, quand Le long temps qui se sera écoulé aura fait de mon récit quelque chose d'un peu antique, de gagner la réputation d'un conteur d'histoires et d'être range parmi les poètes tragiques. 5. Je ne reculerai pourtant pas devant l'ampleur de la tâche, ayant l'assurance que mes dires ne seront pas sans répondants. Les hommes d'aujourd'hui qui sont les plus sérieux témoins des faits seront des garants suffisants, pour le temps à venir, de la créance à leur accorder.* Césarée, Procopé de: **Histoire Secrète**. Tradução e Comentários de Pierre Maraval. Paris : Les Belles Lettres, 2009.

afigura-se como a grande eminência parda que a tudo controla, em uma sucessão de planos maquiavélicos.

Mas antes que possamos analisar o autor, o momento de redação das *Anékdota*, assim como as implicações histórico-culturais levantadas por esse texto, é essencial, em primeiro lugar, esboçar o conteúdo da obra. Em segundo, devemos tecer uma análise, ainda que brevemente, da fortuna crítica das *Anékdota*, assim como da mudança semântica pela qual a palavra “anedota” — derivada do título do livro de Procópio — passou.

2.4.1.

As *Anékdota*: temas e estrutura da obra

Segundo Mihăescu, existem quinze manuscritos das *Anékdota*, mas somente três deles são considerados importantes para o estabelecimento do texto, visto que os outros treze restantes são cópias mais recentes. Os três manuscritos principais são conhecidos pelas letras iniciais de seus codex, a saber, “G”; “P”; e “S”. Mihăescu assim os descreve respectivamente:

G= Vaticanus Graecus 1001 (*olim* [antigamente] 709) foi descrito por M. Krašeninnikov e J. Haury²⁴. Data do século XIV, possui 151 folhas, escritas em duas colunas de aproximadamente 25-30 linhas. O começo e o fim da História Secreta estão faltando, e alguns capítulos 1, 1-13 e 30, 2-34. O texto da História Secreta encontra-se nas folhas 1-50. Esse manuscrito foi seguido por N. Alemanni, que fez sobre as margens anotações e emendas, úteis até hoje²⁵. (A tradução é nossa)

P= Parisinus suppl. Gr 1185 data do século XIV, possui 64 folhas, cada uma com 26-28 linhas. A História secreta encontra-se às folhas 1-26^v, mas falta-lhe o começo, isto é, os cinco primeiros capítulos. O manuscrito está conservado, possui umas notas nas margens, mas não contém desenhos ou figuras. Jacob Haury acredita que ele nos transmitiu a mais fiel cópia da História Secreta²⁶. (A tradução é nossa)

S= Ambrosinus G 14 sup (*olim* [antigamente] T 73 I), do século XIV, possui 176 folhas, cada uma com 25-34 linhas, escritas pela mesma mão, encontrou-se por

²⁴ Cf. subcapítulo Fortuna Crítica

²⁵ “G=Vaticanus Graecus 1001 (*olim* 709) a fost descris de M. Krašeninnikov și J. Haury. El datează din secolul al XVI-lea, are 151 foi, scrise pe două coloane de aproximativ 25-30 de rânduri. Începutul și sfârșitul Istoriei secrete lipsesc, și anume capitolele 1,1 - 13 și 30, 2-34. Textul Istorie secrete se află pe foile 1-50. Acest manuscris a fost folosit de N. Alemannus, care a făcut pe margine adnotații și emendații, astăzi.” MIHĂESCU, H. “Introducere”, 1972. p.6-7

²⁶ “P=Parisinus suppl. Graecus 1185 datează din secolul al XIV-lea, are 64 foi, fiecare de 26-28 de rânduri. Istoria secretă se află pe folie 1-26v, dar îi lipsește începutul, adică primele cinci capitole. Manuscrisul este îngrijit, are unele însemnări pe margine, dar nu conține desene sau figuri. Jacob Haury, crede că el na-a transmis cea mai fidelă copie a Istorie secrete.” Idem p. 7

algum tempo na posse de I. V. Pinellus. Esse manuscrito foi descrito primeiramente por M. Krašeninnikov, depois por J. Haury. O começo está mutilado²⁷. (A tradução é nossa)

As edições das *Anékdota*, até onde sabemos, são inexistentes em língua portuguesa, por conseguinte, podemos considerá-las de difícil acesso. Assim sendo, para que o leitor possa acompanhar de forma mais eficaz a pesquisa que aqui expomos, acreditamos ser essencial a apresentação de um resumo da obra. Desde logo, estamos conscientes de que todo esforço de síntese implica uma seleção subjetiva. Porém, tal constatação não fez com que desistíssemos da elaboração de uma síntese que fosse a mais objetiva possível, oferecendo ao leitor uma ideia da estrutura e dos temas principais tratados nas *Anékdota*. Nosso resumo estruturar-se-á a partir dos capítulos e de seus respectivos títulos, conforme constam na edição francesa de Pierre Maraval²⁸. Naquelas passagens, que acreditamos ser de maior relevância para a interpretação da obra, abrimos mão da síntese feita com nossas próprias palavras e preferimos citar diretamente o texto das *Anékdota*. Resumimos igualmente alguns episódios que podem, à primeira vista, parecer de caráter secundário. Entretanto, acreditamos que estes por serem eminentemente anedóticos, são mais do que representativos do espírito da obra e, por tal, importantes para serem transmitidos ao leitor. Em todo caso, é preciso lembrar que aqui demos maior destaque aos trechos e seus respectivos conteúdos que não foram citados e analisados em outros capítulos ou subcapítulos desta tese, pretendendo assim ter evitando desnecessárias repetições.

É importante ainda lembrar o caráter não linear das *Anékdota*, mesmo que no seu prólogo o autor declare que se trata de um complemento à sua *História das Guerras* e que iria estruturá-lo simplesmente mostrando as causas verdadeiras dos acontecimentos que contara anteriormente. Isso, em um primeiro momento, pode levar o leitor a pensar que as *Anékdota* organizam-se basicamente a partir de constantes referências à *História das Guerras*. É certo que Procópio remete o leitor, em vários momentos, a essa sua obra. No entanto, quanto mais as *Anékdota*

²⁷ “S=Ambrosianus G 14 sup. (olim T 73 I) din secolul AL XIV-lea are 197 foi, ficare de 25-35 de rînduri, scrise de aceeași mină, aflat pe veremuri în posesia lui I.V. Pinellus. Acest manuscris a fost descris mai întâi de M. Krašeninnikov, apoi de J. Haury. Începutul e mutilat.” Idem.

²⁸ Pierre Maraval (1933-), historiador e tradutor francês, professor emérito da Universidade de Paris IV-Sorbonne. Suas pesquisas são dedicadas à história do cristianismo antigo e da Antiguidade Tardia.

avançam, mais elas se tornam uma crítica ampla e geral ao reinado de Justiniano, deixando de lado a remissão à *História das Guerras*, como conclui Maraval: “E a obra não aparece mais como um complemento às Guerras, mas como uma releitura negativa, pelo historiador, de 32 anos de reino (518-550), uma crítica generalizada e feroz dos soberanos e de todos os aspectos de sua política”²⁹.

Prólogo

Procópio demonstra o grande temor que possui em escrever as *Anékdota*. Justifica, entretanto, o que o conduziu a isso.

I. A má conduta de Antonina

Breve descrição da história e do caráter de Antonina — mulher de Belizário, importante general de Justiniano a quem Procópio de Cesareia serviu — a mãe era prostituta no teatro e o pai cocheiro.

Em Cartago, Belizário encontra Antonina, em um quarto subterrâneo, tendo relações extraconjugais com Teodósio, seu filho adotivo. Entretanto Belizário acredita nas falsas desculpas de sua mulher: alega que estaria aí simplesmente escondendo um tesouro.

Em Siracusa, na Sicília, uma criada chamada Macedônia conta a Belizário sobre a infidelidade de Antonina. Belizário manda matar Teodósio, mas este foge para Éfeso. Antonina, “como um escorpião, que esconde sua maldade à sombra [...] persuade seu marido ou por artifícios mágicos, ou por adulação, a acredita que a acusação dessa mulher não tinha fundamento”. Belizário permite que Teodósio volte e manda cortar a língua da criada Macedônia. Em seguida, ordena que seja esquartejada aos poucos. Teodósio teme que Belizário descubra realmente a traição e foge outra vez para Éfeso, fingindo que se tornara monge.

II. Belizário em Campanha contra os persas

Belizário é enviado em campanha contra os persas. Antonina permanece em Constantinopla, o que não era habitual: “visto que tinha medo de que seu

²⁹ MARAVAL, Pierre: “Introduction” in CÉSARÉE, Procope de: **Histoire Secrète**. p. 11.

marido, ficando a sós, caísse em si e, sem mais temer seus sortilégios, tomasse no seu lugar alguma decisão necessária, tinha o cuidado de acompanhá-lo por todos os lugares”³⁰.

Fotios, filho de Antonina, denuncia a própria mãe a Belizário. Belizário pede que o enteado prenda Teodósio. Fotios “de fato não tinha nenhuma confiança no caráter sem firmeza, pelo menos no que dizia respeito à mulher de Belizário e várias coisas o incomodavam, especialmente o destino de Macedônia”³¹. Após juramentos “que para os cristãos são os mais solenes”, combinam que esperariam que Antonina viesse ao encontro do marido e Fotios prenderia Teodósio quando ele chegasse a Éfeso. Belizário toma o Forte de Sisaurana, mas resolve recuar o exército, pois sabe que Antonina chegará: “Belizário foi acusado por todos os romanos de ter subordinado os interesses mais importantes do Estado a seus assuntos domésticos”³².

III. Belizário, Antonina e Teodora

Belizário mantém Antonina presa. Novas acusações de práticas mágicas. Teodósio refugia-se no Santuário do Apóstolo João para não ser capturado por Photios. A imperatriz Teodora ao saber do que ocorria com Antonina, manda que Belizário retorne a Constantinopla. Teodora submete Fotios a terríveis torturas, encerrando-o nos seus “quartos secretos totalmente desconhecidos, obscuros e isolados, nos quais não era possível distinguir a noite do dia”³³ e, por fim, entrega Teodósio aos braços de Antonina. Fotios consegue fugir e refugia-se, primeiramente, no templo da Mãe de Deus, mas Teodora viola o templo e o detém. Fotios, pela segunda vez, escapa da prisão, refugiando-se agora no santuário da Sabedoria, “mas mesmo lá a mulher [Teodora] consegue arrancá-lo, pois nenhum lugar inviolável foi por ela respeitado. Pelo contrário, violar tudo que era sagrado parecia não ser nada diante dos seus olhos”³⁴. Fotios passa três anos preso, até que lhe aparece em sonho o profeta Zacarias. O profeta diz que poderia fugir, pois iria protegê-lo: “Impulsionado por essa visão, fugiu e de lá

³⁰ CÉSARÉE, Procope de: *Histoire Secrète*. Tradução para o francês de Pierre Maraval. (II:2) p.32-31

³¹ *Ibid.*, (II:12) p.34

³² *Ibid.* (II: 21) p.35

³³ *Ibid.* (III: 21) p.39

³⁴ *Ibid.* (III: 25) p.39

atingiu secretamente Jerusalém, enquanto milhares de homens o procuravam. Nenhum reconheceu o jovem, mesmo quando eles o encontravam”³⁵.

IV. Desgraça e volta às graças de Belizário

A peste assola Constantinopla. O Imperador Justiniano fica gravemente doente. Justiniano se recupera. Pedro, o General, e João, o Glutão, dizem ter escutado Belizário e Buzés afirmar que, caso Justiniano viesse a morrer, não reconheceriam Teodora como sua sucessora; “a imperatriz Teodora ficou louca de raiva [...]. Logo os chamou a Bizâncio e instaurou um inquérito sobre esses rumores”³⁶. Buzés é encarcerado na prisão subterrânea de Teodora e aí passa dois anos e quatro meses sem ver a luz do dia. “Quanto a Belizário, ainda que não tenha sido provado nenhum dos erros que lhe eram atribuídos, o imperador destituiu-lhe sob pressão da imperatriz e de seu cunhado, e em seu lugar estabeleceu Martinho como general do Exército do Oriente”³⁷.

Belizário perde todas as honras de general e se arrasta pelas ruas com medo de ser morto a mando da imperatriz. Teodora mantém-se amiga de Antonina, porque esta última era necessária aos seus planos. Belizário humilha-se ao receber uma carta de perdão da imperatriz:

[Belizário] subiu até seu quarto com esses sentimentos de temor, ficou sentado, sozinho sobre a cama, sem nenhuma coragem, esquecendo o homem que ele fora, constantemente molhado de suor, totalmente consternado, tomado por um grande tremor, atormentado por medos de escravo e preocupações totalmente covardes por sua vida. Quanto à Antonina, como se ela ignorasse tudo o que havia ocorrido, e não duvidasse do que ia acontecer, passeava sem cessar pelos lugares, fingindo ter problemas de estômago [sic], pois eles tinham uma atitude de suspeita mútua. Naquele momento, quando o sol já se pusera, chegou um homem do palácio chamado Quadratus. Após atravessar a porta do pátio, deteve-se repentinamente naquela do apartamento dos homens, dizendo que era enviado pela imperatriz. Quando Belizário ouviu isso, estendeu os braços e pernas sobre a cama e aí ficou estendido pronto para ser morto, de tanto que a coragem viril o havia abandonado. Então, Quadratus entrou, aproximou-se e mostrou uma carta da imperatriz. A carta exprimia-se nesses termos: “O que nos fizeste, tu sabes. Mas eu, porque tenho muitas obrigações em relação a sua mulher, decidi perdoar todos esses seus erros se tu fizeres dom da tua vida a esta última. A partir de então, tu poderás estar seguro da tua vida e dos teus bens; mas o que tu serás em relação a ela, saberemos por teu comportamento futuro”. Belizário leu a carta, ao mesmo tempo transido de alegria e no mesmo instante querendo dar uma prova de

³⁵ Ibid. (III: 28) p.39

³⁶ Ibid. (IV: 5-6) p.40

³⁷ Ibid. (IV: 13). p.41

seus sentimentos, logo se levantou e se jogou de rosto aos pés da mulher. Segurando as duas pernas, com cada uma das mãos, não parava de passar a boca sobre os calcanhares da mulher, chamando-a de razão da sua vida e de sua salvação e assegurava que, a partir daquele momento, não mais seria seu marido, mas seu fiel escravo.³⁸

Belizário é reabilitado e enviado pela segunda vez à Itália para combater.

V. Segunda Campanha da Itália. Intrigas de Teodora.

Na Itália, Belizário durante cinco anos consegue desembarcar somente onde havia fortalezas. Totila deseja enfrentar o exército romano, mas Belizário teme a guerra do lado de fora, desprotegido das muralhas.

Teodora quer que seu neto se case com a única filha de Belizário e Antonina, pois tem o objetivo de se apropriar das riquezas que ela viria a herdar. Os pais, para retardar o casamento, alegam que estão na Itália e não poderiam comparecer à cerimônia. Teodora, obstinada em seu propósito, obriga os dois jovens a viverem juntos. O casal acaba por se apaixonar, mas, após a morte de Teodora, Antonina impediria que o casamento fosse oficializado.

VI. História de Justino. Seu sobrinho Justiniano

Na época em que o imperador Leon reinou, três jovens pobres vão para Constantinopla tentar a vida e se alistam no exército. Em seguida, são convocados para a guarda do palácio. Já sob o reinado de Anastácio, o general João, o

³⁸ “*Etant monté dans sa chambre dans ces sentiments de crainte, il était assis, seul, sur son lit, sans aucun courage, oubliant quel homme il avait été, constamment trempé de sueur, tout bouleversé, saisi d’un grand tremblement, tourmenté par des peurs d’esclave et des préoccupations tou à fait lâches pour sa vie. Quant à Antonina, comme si elle ignorait tout de ce qui s’était passé et ne se doutait pas de ce qui allait arriver, elle se promenait sans cesse dans les parages en feignant d’avoir des maux d’estomac, car ils avaient encore une attitude de suspicion mutuelle. Sur ces entrefaites, alors que le soleil était déjà couché, arrivait un homme de palais, nommé Quadratus. Ayant passé la porte de la cour, il se tint soudain devant celle de l’appartement des hommes, en disant qu’il était envoyé là para l’impératrice. Quand Bélisaire entendit cela, il étendit bras et jambes sur sa couche et y resta étendu, tout à fait prêt à ce qu’on le tue, tant l’avait abandonné tout courage viril. Alors Quadratus, entré là auprès de lui, lui montra une lettre de l’impératrice. La lettre s’exprimait en ces termes: ‘Ce que tu nous as fait, très cher, tu le sais. Mais moi, parce que j’ai beaucoup d’obligations envers ta femme, j’ai décidé de te pardonner tous ces griefs si tu fais don de ta vie à celle-ci. Désormais, tu peux avoir confiance pour ta vie et tes biens ; mais ce que tu seras envers elle, nous le saurons par ta conduite à venir’ Quand Bélisaire eut lu cela, à la fois transporté de joie et voulant à l’instant même donner une preuve de ses sentiments, il se leva aussitôt et tomba sur le visage aux pieds de sa femme. Tout en tenant ses deux jambes de chaque main et en ne cessant de promener sa bouche sur les chevilles de sa femme, il l’appelait cause de sa vie et de son salut et assurait qu’à partir de ce moment, il ne serait plus so mari, mais son fidèle esclave.*” Ibid

Corcunda, condena Justino à morte, mas um sonho acaba fazendo com ele mude de ideia. O Imperador Anastásio nomeia Justino chefe da guarda do palácio. Justino é apresentado como sem nenhuma espécie de preparação para exercer a função imperial, além de ser facilmente manipulável:

Ele já era um velho próximo do túmulo, totalmente ignorante das letras e, como se diz, analfabeto, o que jamais acontecera anteriormente, pelo menos entre os imperadores romanos. O costume pedia que o imperador colocasse sua própria assinatura nos documentos que transmitiam suas ordens, mas ele não era capaz de dar ordens tampouco de verificar o que fora feito. Mas àquele que coube a tarefa de conselheiro, certo Protocolos, que exercia o ofício a que chamamos de *questor*, decidia tudo segundo a sua vontade. Para ter, no entanto, um atestado feito pela própria mão do imperador, aqueles a quem cabia essa tarefa imaginaram a seguinte coisa.

Mandaram furar em um pequeno pedaço de madeira na qual havia recortado o desenho das quatro letras que significavam, em língua latina, “lido”, mergulhavam a pena na tinta que era utilizada habitualmente pelos imperadores para escrever, e a colocavam na mão desse imperador. Colocavam então esse pequeno pedaço de madeira sobre o documento, e segurando a mão do imperador, eles passavam a pena pelo recorte das quatro letras, seguindo todos os pequenos entalhos da madeira, conseguindo dessa forma obter as assinaturas do imperador.³⁹

VII. Os tumultos provocados pelas facções

A população estava dividida em duas facções opostas: os azuis e os verdes⁴⁰. Justino apoiava os azuis, esse apoio incitou ainda mais as paixões das

³⁹ “Il était alors déjà un vieillard proche du tombeau, totalement ignorant des lettres et, comme on dit, analphabète, ce qui n’était jamais arrivé auparavant chez les Romains du moins. Alors que la coutume voulait que l’empereur appose sa propre signature sur les documents qui transmettaient ses ordres, lui n’était pas capable de donner des ordres ni de vérifier ce qui avait été fait. Mais celui à qui échet la tâche de conseiller, un nommé Proclos, qui exerçait l’office de celui qu’on appelle le questeur, décidait de tout selon son gré. Pour avoir cependant une attestation de la main de l’empereur, ceux à qui incombait cette charge imaginèrent la chose suivante. // Ayant fait creuser dans un petit morceau de bois travaillé le dessin des quatre lettres qui signifient, en langue latine, qu’on a lu, ils plongeaient la plume dans l’encre dont les empereurs se servent habituellement pour écrire et la mettaient dans la main de cet empereur. Plaçant alors ce morceau de bois dont j’ai parlé sur le document et prenant la main de l’empereur, ils passaient avec la plume dans la marque des quatre lettres et suivaient toutes les encoches du bois, réussissant ainsi à obtenir des signatures de l’empereur.” Ibid (VI : 11-16) p. 50

⁴⁰ A respeito das duas facções do hipódromo, que incitavam verdadeiras paixões em Constantinopla, traduzimos aqui a nota explicativa de Maraval, na sua edição das *Anékdota*: “As duas principais facções do circo, designadas segundo a cor dos cocheiros que elas apoiavam, os Verdes e os Azuis (*Venetoi* e *Prasinoi*) desempenharam no império bizantino, e em Bizâncio [Constantinopla] em particular, um papel político importante. Procópio falou delas em seu relato da revolta de Nika, quando os Azuis e os Verdes, em um primeiro tempo, se ligaram contra o imperador (I, 24). Já nessa passagem ofereceu uma apresentação muito crítica e qualificava a atitude dos membros dessas facções como ‘uma doença da alma’ (I, 1-6). Os membros dessas facções eram na sua maior parte pessoas do povo, mas seus dirigentes pareciam ser originários, do lado dos Azuis, da velha aristocracia senatorial, aquela dos grandes proprietários de terras; do lado dos Verdes, a burguesia enriquecida pelo comércio e a indústria e funcionários que haviam feito

referidas torcidas, o que teria conduzido à mais completa desorganização do estado. Segue-se a enumeração dos mais diversos distúrbios da ordem pública gerados por essa rivalidade entre facções.

VIII. Justiniano: aspecto e caráter

Comparação do caos que se havia instaurado no Império a uma doença. O imperador, ainda que frequentasse de forma assídua o hipódromo, não faria questão de perceber os problemas que aí ocorriam. Justino⁴¹ é assim qualificado: “era extraordinariamente idiota e se parecia completamente a um asno estúpido pronto para seguir, agitando continuamente as orelhas, a quem lhe puxasse as rédeas”⁴². Justiniano logo que recebera o império de seu tio, Justino, gastou de forma inconsequente os recursos públicos. Concedia vultosas somas aos hunos, o que provocou ainda mais incursões desse povo em busca de dinheiro. Discrição do aspecto físico de Justiniano, este seria parecido com o imperador romano Domiciano:

[...] do qual os romanos sofreram a perversidade a tal ponto que, mesmo após tê-lo cortado em pedaços, não apaziguaram a sua cólera contra ele; mas houve um decreto do senado declarando que até o nome desse imperador não figuraria nos documentos e não seria conservada nenhuma espécie de imagem dele.⁴³

No que diz respeito ao caráter de Justiniano, Procópio afirma que:

Não saberia descrevê-lo exatamente, pois esse homem era ao mesmo tempo velhaco e ingênuo, daqueles que chamamos de “louco e malvado”, não dizendo jamais a verdade àqueles que o encontravam, mas falando e agindo em tudo e sempre com um espírito de enganação, e aliás expondo-se facilmente a quem quisesse enganá-lo⁴⁴.

carreira, destes muitos eram originários das províncias orientais. Em matéria religiosa, os Azuis eram ortodoxos, os Verdes monofisitas. Os acontecimentos relatados nesse capítulo sobre o reinado de Justino, apoiado pela aristocracia, foi o triunfo da facção dos Azuis” (A tradução é nossa) MARAVAL, Pierre (nota 1, capítulo VII) in CÉSARÉE, Procope de: **Histoire Secrète**. p. 163.

⁴¹ Procópio de Cesareia direciona também aqui essa crítica a Justino e não a seu sobrinho Justiniano, como se poderia pensar em uma primeira leitura. Maraval diz que alguns comentadores acreditaram que Procópio falava de Justiniano e não de Justino, o que não é exato.

⁴² Ibid., (VII, 3) p. 57

⁴³ Ibid., (VIII, 13) p. 58

⁴⁴ “[...] je ne saurais le décrire exactement. Car cet homme était à la fois un coquin et un naïf, de ceux qu'on appelle ‘fous et méchants’, ne disant jamais lui-même la vérité à ceux qu'il rencontrait, mais parlant et agissant en tout et toujours dans un esprit de tromperie, et para ailleurs s'exposant facilement à quei voulait le tromper.” Ibid, VIII, 22. p. 59

IX. Teodora: infância, juventude e casamento

Akakios, que era “guardião dos animais selvagens do circo, da facção dos Verdes, chamado de Mestre dos Ursos”⁴⁵, morre na época do reinado de Anastácio e deixa três filhas: Comito; Teodora e Anastácia. A viúva de Akakios casa-se novamente. Seu segundo marido vem a desempenhar, igualmente, a função de “guardião das feras”. Entretanto, este é destituído do referido cargo, apesar das súplicas de suas enteadas. O padraсто de Teodora passa a ser “Mestre dos Ursos” da facção adversária, os Azuis. Visto que as três irmãs eram de grande beleza, a mãe faz com que elas sejam atrizes.

Procópio afirma que Teodora, mesmo não estando completamente formada, já se deitava com escravos e fazia uso “contra a natureza de seu corpo”⁴⁶. Teodora, assim que “chegou à adolescência e estava suficientemente crescida, juntou-se àquelas que se produzem no palco e logo se tornou uma cortesã daquelas que os antigos chamavam de infantaria”⁴⁷.

Segue-se a longa e minuciosa descrição das práticas sexuais de Teodora. Procópio a caracteriza como de uma devassidão sem limite e nenhuma forma de pudor. Teodora torna-se amante de Hékebolos, governador de Pentapole. Por tê-lo ofendido, é expulsa e fica sem meios de subsistência. Para sobreviver se prostitui por todo o Oriente e ganha grande renome. Por fim, retorna à Constantinopla. Justiniano apaixona-se perdidamente por Teodora e se tornam amantes; “Teodora consegue adquirir uma extraordinária influência e riquezas consideráveis”⁴⁸. Justiniano fica gravemente doente. As duas facções, os Verdes e os Azuis, se enfrentam e cometem vários crimes, entre estes, assassinam, dentro do templo da Sabedoria, Hipatios. Justino ordena que o prefeito do Pretório, então um certo Teódoto, investigue e descubra os assassinos. Nesse meio tempo, contra todas as expectativas, Justiniano se recupera e volta a exercer sua influência no governo de seu tio, Justino. Justiniano, para poder condenar Teódoto, prende seus familiares, retirando destes confissões sob tortura que acusavam Teódoto de feitiçaria. Somente o questor Protoclos põe-se em defesa de Teódoto. Este último

⁴⁵ Ibid., IX: 1. p.p. 60-61

⁴⁶ Ibid., IX: 10. p. 61

⁴⁷ Ibid., IX: 11 p. 61

⁴⁸ Ibid., IX:31 p. 64

é deportado para Jerusalém, mas avisado que seria morto refugia-se em um santuário. A imperatriz Eufemia, mulher de Justino, opõe-se ao casamento de Justiniano e Teodora. Com a morte da imperatriz Eufemia, Justiniano faz com que seu tio revogue a lei que impedia que um senador desposasse uma cortesã, o que possibilita o consórcio de Justiniano com Teodora. Justiniano, que já se encontrava “completamente decrépito e prestava-se ao riso de seus súditos”, tornam-se os únicos senhores de todo o Império.

X. Teodora imperatriz. Sua política

Procópio lamenta o casamento de Teodora com Justiniano, afirmando que este poderia desposar “[...] uma mulher que fosse de melhor nascimento que todas [as outras] e que tivesse sido criada à parte, uma mulher que não tivesse ignorado o pudor, mas que tivesse habitado com a castidade [...]”⁴⁹. Critica os senadores por não se terem colocado contra esse casamento, mas, pelo contrário, “[...] se prosternavam diante dela [Teodora] como diante de uma Deusa”⁵⁰. Critica, também, padres e o povo pela aceitação dessa união. Descreve de Teodora como “[...] bela de rosto e por outro lado encantadora [...] tinha o olhar sempre imperioso e direto”⁵¹. Justiniano e Teodora “[...] não fizeram nada um sem o outro durante toda sua vida em comum”⁵², mesmo quando aparentavam estar em lados opostos, estavam em conformidade entre si; agiam dessa forma “[...] para que seus súditos, caso não compartilhassem o ponto de vista deles, não se lhes opusessem, assim as opiniões a respeito deles poderiam ser diferentes em todas as partes”⁵³. Ficam em lados opostos em relação às facções do circo. Teodora apoia os azuis e concede-lhes demasiados poderes. Ao incitar a rivalidade entre as facções, diversos crimes são cometidos. Conclui-se que: “através dessas maquinações, estavam sempre em acordo um com o outro, fingindo exteriormente estarem em desacordo, e conseguir semear a divisão entre seus súditos e fortificar com muita firmeza sua tirania”⁵⁴.

⁴⁹ Ibid., X:2 p. 67

⁵⁰ Ibid., X:6 p. 67

⁵¹ Ibid., X: 11 p. 68

⁵² Ibid., X: 13 p.68

⁵³ Ibid., X: 14

⁵⁴ Ibid., X:23 p. 69

XI. Política de Justiniano em relação aos Bárbaros

Justiniano procede a uma grande alteração nas leis, introduz modificações nas magistraturas e no exército, faz todas essas modificações: “sem se deter no que era justo, nem se deixar guiar pelo interesse público, mas para que tudo fosse novo e levasse seu nome”⁵⁵. Liberalidades financeiras em relação aos bárbaros: o imperador dá vultosas somas de dinheiro para provocar as guerras entre as tribos bárbaras. Procópio critica a política imperial contra grupos religiosos que não comungavam da ortodoxia (samaritanos, arianos e, também, pagãos). Proscrição da “pederastia”; eram punidos “não somente os delitos cometidos após a promulgação da lei, mas, até mesmo, aqueles que antigamente haviam sido tomados por essa doença”⁵⁶. Falsas acusações de pederastia com o intuito de se apropriar de riquezas e punir opositores; os acusados são castigados com castrações e humilhações públicas. São perseguidos igualmente os versados em astrologia.

XII Saque dos bens dos senadores. Características demoníacas de Justiniano

Zenão é nomeado governador do Egito, embarca suas riquezas para levá-las para onde assumiria o novo posto. A mando do imperador, um grupo de pessoas se faz passar por fieis empregados de Zenão, incendeiam o barco e informam que as riquezas haviam sido perdidas, quando, na verdade, haviam sido roubadas por Justiniano. Pouco tempo depois, o mesmo Zenão vem a morrer, um testamento é forjado para que o Imperador receba a herança. Da mesma forma, Justiniano se apropria da herança dos mais importantes senadores: Tatianos, Demóstenes e Hilara. Apropria-se ainda de heranças, forjando cartas. João, filho de Basílio, estava como refém dos persas e sua avó obtém a quantia necessária para o resgate. No entanto, o imperador não permite que o resgate seja entregue aos persas, alegando que a “riqueza dos romanos” não poderia ir para os bárbaros. Tempos depois, o referido João vem a morrer, uma carta falsificada é apresentada, na qual João diz que desejava fazer de Justiniano seu herdeiro. Procópio afirma: “não poderia enumerar os nomes de todas as outras gentes das quais se tornaram

⁵⁵ Ibid., XI:2 p. 70

⁵⁶ Ibid., XI: 34. p. 73

automaticamente os herdeiros”⁵⁷. A intensidade e a quantidade de males perpetrados pelo casal imperial são apresentados por Procópio como prova do caráter demoníaco de Justiniano e Teodora. Diversos relatos de pessoas que teriam presenciado manifestações sobrenaturais e demoníacas do casal imperial.

XIII. Comportamento de Justiniano

Procópio tece uma série de críticas que se relacionam, sobretudo, às características e aos hábitos mais pessoais de Justiniano:

- Era “afável e doce”, assim como acessível a todos que vinham ter com ele, porém era com um “[...] semblante plácido, sem mostrar a menor emoção e com a voz doce que ordenava o massacre de milhares de pessoas completamente inocentes, a destruição de cidades e a confiscação de todos os bens para o tesouro público [...]”⁵⁸.
- Aparentava possuir fé em Cristo, mas alegava isso para permitir que os padres usassem de força contra as pessoas, permitindo que eles se apropriassem das riquezas alheias.
- Reprimia com extrema violência as dissidências religiosas.
- Possuía um caráter volúvel, “[...] sua opinião seguia contrariamente ao que dizia e ao que desejava manifestar”⁵⁹ e possuía um desenfreado apego pelos elogios.
- Era implacável com suas inimizadas e infiel com as amizades: “Como inimigo, era resoluto e inabalável, mas em relação aos amigos era inconstante de modo que causou verdadeiramente a ruína da maior parte daqueles que lhe eram devotados [...]”⁶⁰.

⁵⁷ Ibid. (XII: 1). p. 75

⁵⁸ Ibid. (XIII: 2) p.p. 78-79

⁵⁹ Ibid. (XIII: 14). p.80

⁶⁰ Ibid. (XIII: 16). p.80

- Era capaz de altear as leis que ele próprio promulgara mediante o recebimento de dinheiro, “mas se eles [os enviados] houvessem feito prova de moderação em relação às pessoas, ficava desde então indisposto e hostil com eles”⁶¹.
- Honrava aqueles seus enviados que agiam com violência e pilhavam as riquezas.
- Era parcimonioso na alimentação e dormia muito pouco, pois “tais coisas pareciam-lhe necessidades secundárias impostas pela natureza [...]”⁶².

XIV. Desordens em matéria de direito

Procópio acusa Justiniano de permanecer um bárbaro tanto na sua linguagem e no seu aspecto exterior, assim como na sua maneira de pensar. O imperador escrevia ele mesmo as leis e em seguida as mandava publicar, passando por cima do cargo de questor, apesar das suas deficiências em grego.

O senado torna-se uma instituição figurativa. O casal imperial fingia divergir sobre os assuntos em pauta no senado, “[...] mas o que importava é o que havia sido combinado entre eles a esse respeito”⁶³. Acusação da criação e alteração das leis mediante recebimento de dinheiro por parte do Imperador, o que fazia com que “as decisões provenientes do Palácio achavam-se na praça do mercado: lojas as colocavam à venda, não somente aquelas que diziam respeito à justiça, mas também aquelas que diziam respeito às leis”⁶⁴.

Leon, originário da região da Cilícia, extremamente hábil e ganancioso por riquezas, foi quem convenceu Justiniano a receber dinheiro em troca de leis e de decisões; “qualquer um que tivesse vontade de acusar injustamente um homem de bem ia diretamente a Leon e, depois de ter prometido ao tirano e a ele uma parte dos bens que seriam confiscados, saía do palácio, imediatamente, vencedor contra toda justiça”⁶⁵.

⁶¹ Ibid. (XIII: 24). p.81

⁶² Ibid. (XIII: 28). p.81

⁶³ Ibid. (XIV: 8). p. 83

⁶⁴ Ibid. (XIV: 10). p. 83

⁶⁵ Ibid. (XV: 18). p. 84

XV. Comportamento de Teodora

Teodora é descrita como obstinada e inamovível em seus projetos cruéis. No plano pessoal era demasiadamente vaidosa: “De seu corpo cuidava mais do que era necessário, mas menos do que ela desejava”⁶⁶. Justiniano era acessível a todos os seus súditos, pois: “Toda licença era concedida às gentes, fossem elas de condição modesta e totalmente desconhecidas, não só para se aproximarem desse tirano, mas para conversar e tratar em privado com ele.”⁶⁷. Já Teodora era praticamente inabordável:

“Junto à imperatriz, em compensação, mesmo para um magistrado, o acesso era possível somente depois de muito tempo e esforço, e todos não deixavam de ficar servilmente na antecâmara, esperando todo tempo em um cômodo estreito e sufocante. Era de fato, para um magistrado, muito perigoso estar ausente.”⁶⁸

Um patrício, de idade já avançada, vai até a Teodora e solicita que ela faça com que um de seus serviçais pague o que lhe deve. Avisada de antemão e para escarnecer do suplicante, a imperatriz convoca seus eunucos e ordena que eles repitam em coro todas as suas respostas. Após ouvir a súplica do velho patrício, Teodora simplesmente diz: “Tu tens uma grande corcunda”, os coros de eunucos repete a mesma frase. Já exausto, o patrício se retira.

XVI. Teodora e seus inimigos

- Amalásunte, rainha ostrogoda, pretende ir à Constantinopla. Teodora com ciúmes e, por isso, temerosa da sua presença, convence Justiniano a enviar Pedro o Patrício⁶⁹ como embaixador à Itália. Teodora promete grandes riquezas a Pedro o Patrício para que ele ponha fim em Amalásunte. Chegando à Itália, Pedro o Patrício convence Théodat a assassinar Amalásunte.

- Priscos, secretário de Justiniano. Teodora relata a Justiniano que Priscos fora arrogante com ela. Sem resultados imediatos, Teodora sequestra Priscos e faz com que ele se torne padre. O imperador aparenta não sentir a ausência do seu secretário, no entanto, apodera-se de seus bens.

⁶⁶ Ibid. (XV: 6). p.85

⁶⁷ Ibid. (XV: 12). p.86

⁶⁸ Ibid, (XV: 13). p.86

⁶⁹ Procópio faz referência a essa personagem simplesmente como “Pedro”, é Maraval que o identifica como Pedro o Patrício.

•Areobindos, serviçal de Teodora. A Imperatriz apaixonava-se por esse seu belo serviçal. Com receio dos rumores que começam a circular sobre sua paixão, submete Areobindos às piores torturas. Depois disso, esse jovem desaparece.

•Basianos, membro da facção dos Verdes, lança injúrias contra Teodora. Basianos refugia-se no Templo do Arcajo. A imperatriz dá ordem de prendê-lo, não por tê-la injuriado, mas sim o acusando de ser pederasta. Apesar dos pedidos de clemência do povo, Basianos é supliciado e castrado.

•Diógenes, membro da facção dos Verdes, “[...] um homem de espírito, amado por todos e pelo próprio imperador [...]”⁷⁰. Visto que Diógenes era da facção dos Verdes, a imperatriz o acusa de ter praticado “amores masculinos”⁷¹. Não tendo êxito em seu plano de acusação, Teodora “[...] manda encerrar Teodoro, um dos parentes de Diógenes, nas suas prisões habituais”⁷². A imperatriz oferece a Teodoro recompensas, na esperança de que ele prestasse um testemunho contra Diógenes. Sem resultado, submete-o às piores torturas, mas, mesmo assim, não obtém o almejado testemunho. “Os juízes absolvem Diógenes, por falta de testemunhos, e a cidade festeja publicamente o acontecimento”⁷³.

XVII. Outros crimes de Teodora

Dois membros da facção dos Azuis atacam o governador da Província da Segunda Cilícia, Callinicos. O escudeiro de Callinicos, tentando proteger o seu senhor, acaba sendo morto. Os dois referidos membros da facção dos Azuis são condenados. Teodora, ao se inteirar da notícia, “[...] para mostrar seu favor em relação aos Azuis [...]”⁷⁴, ordena que Callinicos seja empalado.

Teodora ordena que 500 mil prostitutas sejam enclausuradas no monastério de Metanóia, “[...] forçando-as a mudar de vida”⁷⁵. Mas o projeto fracassa, pois

⁷⁰ Ibid., XVI: 23. p. 91

⁷¹ Idem

⁷² Ibid., XVI: 25. p. 92

⁷³ Ibid., XVI: 28. p. 92

⁷⁴ Ibid., XVII: 3. p. 92

⁷⁵ Ibid., XVII: 5. p. 93

“algumas se jogavam de noite do alto desse monastério e escapavam assim a essa transformação que não desejavam”⁷⁶.

A imperatriz obriga duas nobres viúvas da mais alta linhagem a se casarem com “[...] dois homens do comum, grosseiros personagens [...]”⁷⁷. As duas mulheres refugiam-se no Santuário da Sabedoria, mas Teodora viola o Santuário, fazendo com que elas cedam à sua ordem; “estas então, contra a vontade, desposaram homens pobres e muito inferiores a seu status, ainda que tivessem pretendentes de nobre família”⁷⁸.

Teodora, na época em que trabalhava no teatro, fica grávida. Mas o estado avançado da gravidez não permite que, como de costume, ela aborte. O pai da criança acaba por reconhecer o filho, dando-lhe o nome de João. Em seguida, pai e filho vão para a Arábia. Pouco antes de morrer, o pai revela a João a identidade de sua mãe. João vai a Constantinopla e consegue uma audiência com sua mãe, a agora imperatriz. “Após, tê-lo visto [...] entregou-o a um dos seus criados [...]. E eu não saberia dizer de qual maneira o infeliz desapareceu de dentre os homens, mas ninguém pôde revê-lo até o dia de hoje, mesmo após a morte da imperatriz”⁷⁹.

Procópio afirma que “[...] nessa época os costumes de quase todas as mulheres se perverteram”, pois qualquer mulher que cometesse o adultério encontrava proteção junto à Imperatriz. Afirma, igualmente, que Teodora escolhia a seu bel prazer os casamentos, contrariando a vontade dos noivos; dá o exemplo de Saturnino, filho de Hermógenes, que, mesmo tendo o quarto nupcial já preparado, “foi levado a outro quarto nupcial e aí desposou, não sem lágrimas e gemidos, a filha de Chrysomallo”⁸⁰.

⁷⁶ Idem

⁷⁷ Ibid., XVII: 7. p.93

⁷⁸ Ibid., XVII: 11. p. 11

⁷⁹ Ibid., XVII: 22-23. p.94

⁸⁰ Ibid., XVII: 33. p. 95

XVIII. Guerras e catástrofes sob Justiniano

A dimensão dos males causados por Justiniano é apresentada como prova de que ele seria “[...] um demônio que tomou a forma humana”⁸¹. Procópio calcula que milhões de pessoas pereceram: “se asseguramos, desde já, que cinco milhões de homens pereceram na Líbia, eu acredito que não damos conta suficientemente da realidade”⁸². Elenca as razões para essas mortes na Líbia, começando por apontar que, após a derrota dos Vândalos, Justiniano chamou de volta “[...] Belizário, acusando-o de tirano — o que era completamente injustificado —, a fim de poder em seguida, administrando a Líbia a seu gosto, despojá-la e pilhá-la completamente”⁸³. E continua o elenco de medidas nefastas: instalação de inspetores de terras; impostos altos; confisco das melhores propriedades; proibição dos arianos de realizar seus sacramentos. Na Itália, aos mesmos males é acrescida a presença dos *logotetas*. Já na Ilíria e na Trácia, são mencionadas as constantes invasões dos hunos, dos esclavenos e dos antes, estas se sucederam “[...] por quase todo o ano, a partir do momento em que Justiniano recebeu o governo dos romanos [...]”⁸⁴, Procópio calcula que, “[...] em cada uma dessas invasões, mais de 200.000 romanos foram mortos ou reduzidos à escravidão”⁸⁵. Após enunciar os males causados pelas guerras na Europa e na África, são abordados aqueles causados pelas invasões dos sarracenos e dos persas no Oriente, assim como seus motivos. A respeito das invasões, Procópio conclui: “não são somente os romanos, mas também quase todos os bárbaros que sofreram os efeitos do furor homicida de Justiniano”⁸⁶. O capítulo é concluído com o relato de uma série de catástrofes naturais que seriam causadas pelo caráter demoníaco de Justiniano ou, então, seriam manifestação da revolta de Deus contra esse imperador.

XIX. Saque das riquezas por Justiniano

Relato do sonho que um notável teve: estava nas proximidades da cidade da Calcedônia, à beira mar, quando avistou Justiniano de pé “no meio do

⁸¹ Ibid., XVIII: 1. p. 97

⁸² Ibid., XVIII: 8 p. 97

⁸³ Ibid., XVIII: 9 p. 97

⁸⁴ Ibid., XVIII: 20 p. 98

⁸⁵ Ibid., XVIII: 21 p. 98

⁸⁶ Ibid., XVIII: 27. p. 99

estreito”⁸⁷. O imperador começou a beber toda a água do estreito de forma que acabou por secá-lo, “mas em seguida apareceu outra água, cheia de sujeiras, que corria borbulhante a partir dos esgotos de cada margem, e aquele [Justiniano] a bebia também e fazia novamente desse lugar um lugar sem água”⁸⁸. A interpretação do sonho seria a dilapidação dos recursos do império por Justiniano em decorrência das “loucas construções marítimas” e das “larguezas com os bárbaros”⁸⁹. Anastasios, que fora imperador por mais de vinte e sete anos, ao terminar o seu reinado teria deixado nos cofres públicos a quantia de “3200 *centenaria*”. A essa quantia, durante o reinado de Justino, teria sido acrescida de forma ilegal, aos cofres públicos a quantia de 4000 *centenaria*.

XX. Monopólios. Novidades na magistratura

Justiniano estabelece um prefeito ao qual os comerciantes deveriam pagar uma taxa anual para obter permissão de vender seus produtos, o que acarreta na elevação do preço dos gêneros de primeira necessidade, três vezes mais. Criação de duas magistraturas: o Pretor da Plebe, que se encarrega dos ladrões, e o *Quaesitor*, que tem “[...] a função de punir os pederastas, aqueles que se uniam ilegalmente a mulheres e a qualquer um que não praticasse a religião de maneira ortodoxa [...]”⁹⁰.

XXI. Reforma das magistraturas

A cada ano Justiniano recebia uma taxa do prefeito do pretório. Os encarregados de recolher a taxa:

alegavam entregar essa taxa ao imperador, mas se apropriavam sem dificuldade da riqueza imperial. Justiniano fechava os olhos a essas práticas, mas aguardava a ocasião, quando eles já haviam adquirido grande abundância de riquezas, para poder repentinamente despojá-los e apresentava contra eles uma acusação irreparável⁹¹.

Todos que exerceram tal função teriam acumulado imensas fortunas, com exceção de Phocas e Bassus, pois eram “[...] completamente estrangeiros ao

⁸⁷ Ibid., XIX, 2. p. 101

⁸⁸ Ibid., XIX, 3. p. 101-102

⁸⁹ Ibid., XIX, 6. p. 102

⁹⁰ Ibid., XX, 9. p. 104

⁹¹ Ibid., XXI, 4-5. p. 107

espíritos do tempo”⁹². As magistraturas seriam assim vendidas aos piores homens e a preços exorbitantes. O imperador procederia em relação aos magistrados da mesma forma que procedia com os responsáveis de recolher as taxas para o prefeito do pretório, isto é, depois que haviam acumulado riquezas, Justiniano tomava-lhes a fortuna. Entretanto, o imperador:

[...] imaginou ainda outra coisa que ultrapassava o entendimento. As magistraturas que considerava ser as mais importantes, tanto em Bizâncio como nas outras cidades, decidiu não mais vendê-las como anteriormente, mas, depois de uma investigação, designava os mercenários e impunha-lhes, enquanto assalariados, de entregar-lhe todo o butim. Estes, após ter recebido o seu salário, juntavam sem temor tudo o que vinha de toda terra e levavam-lhe, e o arbítrio de um mercenário despojava seus súditos fora da autoridade.⁹³ (A tradução é nossa)

Menção à carta de Justiniano que impedia os generais da Trácia e da Ilíria de atacarem os Hunos, mesmo que estes tivessem devastado partes do império, pois os hunos seriam necessários na luta contra os godos. Às vezes, os fazendeiros dessas regiões reagiam, atacando os hunos. Mas, enviados de Bizâncio, através de “torturas, mutilações e multas”⁹⁴, faziam com que restituíssem aos hunos os cavalos e outros butins.

XXII. Abuso de Pedro Barsymes

Com a queda de João da Capadócia, Justiniano e Teodora buscam alguém para substituí-lo. Finalmente, colocam no posto Pedro Barsymes, “que trabalhava há muito tempo no banco da moeda de bronze, e que obtinha graças a essa atividade os mais sórdidos ganhos, exercendo habilmente a fraude com os óbolos e enganando constantemente os clientes com a destreza de seus dedos”⁹⁵. Relato de diversas iniquidades cometidas por Barsymes. Os militares se revoltam por não ter recebido soldo, além disso, Justiniano desconfia que Barsymes esconde “somas prodigiosas desviadas do tesouro público”⁹⁶. Por tais razões, o imperador resolve destituí-lo do cargo. No entanto, Teodora o protege. Barsymes possuía “um

⁹² Ibid., XXI, 7, p. 107

⁹³ “Plus tard, il imagine encore autre chose qui passe l’entendement. Celles des magistratures qu’il estimait être les plus importantes, tant à Byzance que dans les autres villes, il décida de ne plus les vendre comme auparavant, mais après enquête, il désignait des mercenaires et leur imposait, en tant que salariés, de lui remettre tout leur butin. Eux, après avoir reçu leur salaire, rassemblaient sans crainte tout ce qui venait de toute la terre et le lui apportaient, et l’arbitre d’un mercenaire dépouillait les sujets sous les dehors de l’autorité” (Ibid., XXI, 20-22, p. 108)

⁹⁴ Ibid., XXI, 29, p. 109-110

⁹⁵ Ibid., XXII, 3, p. 110

⁹⁶ Ibid., XXII, 21, p. 112

interesse considerável pelos feiticeiros e pelos demônios e era cheio de admiração por aqueles que chamamos de maniqueístas.”⁹⁷. O imperador destituiu Barsymes de seu cargo, mas sob as instâncias de Teodora, acaba sendo nomeado para o cargo de “mestre dos tesouros”.

XXIII. Política Fiscal

Os imperadores tinham por costume perdoar os impostos atrasados. Durante os seus trinta e dois anos de reinado, Justiniano não procede assim nem sequer uma vez. Medas e Sarracenos devastam a maior parte da Ásia; os hunos, sclavenos e os antes devastam toda a Europa. Somente as cidades devastadas é que foram dispensadas dos impostos uma única vez. Explicação de três tipos de impostos considerados iníquos: 1) requisição – consistia em entregar ao exército provisões que correspondessem ao imposto que deveria ser pago. Os proprietários eram obrigados a importar o que fosse “necessário para os soldados e para os cavalos pagando tudo isso a preços exorbitantes”⁹⁸. 2) *epibolé* — Imposto que deveria ser dividido pelos proprietários circundantes às terras abandonadas ou quando da morte dos proprietários sem herdeiros. 3) *Diagraphai* — impostos extras, “aqueles que possuíam domínios pagavam estes [os impostos extras] em proporção ao imposto fixado para cada um”⁹⁹.

XXIV - Medidas desfavoráveis aos militares

Justiniano cria um grupo de funcionários denominado *logotetas* e os coloca na direção do exército. Os *logotetas* tinham o direito de se apropriar de 12/100 de tudo que obtivessem. O soldo, que era recebido pelos soldados, correspondia à idade e ao tempo de serviço prestado por cada um. À medida que os soldados superiores morriam, soldados mais jovens ascendiam. Entretanto, os “*logotetas* não permitiam que os nomes dos mortos fossem retirados da lista de efetivos”¹⁰⁰, chegando, até mesmo, a deixar de existir a referida lista, “resultou para o Estado que o número de soldados fosse sempre insuficiente; para os soldados que permaneciam, bloqueados por aqueles que estavam mortos, ficavam em uma

⁹⁷ Ibid., XXII, 25. p. 112

⁹⁸ Ibid., XXIII, 12. p. 115-116

⁹⁹ Ibid., XXIII, 19. p. 116

¹⁰⁰ Ibid., XXIV, 5. p. 118

patente inferior àquela do seu mérito”¹⁰¹. Relação de diversos outros tormentos que levaram ao extremo empobrecimento dos soldados, “é, por essa razão, que as possessões romanas da Itália caíram”¹⁰². Deterioração dos *limitanei*, contingente de soldados que guardava as fronteiras, devido ao atraso no pagamento de soldos e a cobranças indevidas: “os confins do romano permaneceram desprovidos de guardas, e os soldados de repente tiveram que voltar o seu olhar e mãos àqueles habituados às obras beneficentes”¹⁰³. Os *scholarii* eram a guarda do palácio. Desde do reinado de Zenão essa corporação vinha se degradando. Primeiramente Justiniano aumenta o número de componentes dessa guarda, depois resolve diminuí-los. Sabendo que os *Scholarii* não estavam preparados para lutar em campanhas militares, anunciava a sua convocação para lutar em diversas guerras. O resultado era que os membros dessa corporação renunciavam a seu soldo durante determinado tempo para não serem obrigados a fazer a guerra, “por várias vezes, os *scholarii* foram vítimas dessa maneira de agir”¹⁰⁴. Lei que atribuía a cada cinco anos, uma gratificação a todos os soldados. Justiniano nunca pagou tal gratificação. O imperador extinguiu uma espécie de plano de carreira que havia para os que “vigiam o palácio, se ocupam dos despachos ou cumprem algum serviço ao imperador e às autoridades de Bizâncio”¹⁰⁵.

XXV. Medidas desfavoráveis aos comerciantes, armadores etc.

Justiniano ordena a instalação de duas alfândegas, uma no estreito do Helesponto e outra na entrada do Ponto-Euxino. A cada uma dessas envia um magistrado: “[...] prescrevia-lhes que lhe fizessem chegar, utilizando todos os meios, o máximo de dinheiro possível”¹⁰⁶. Em Bizâncio instala um de seus familiares chamado Adé: “este não deixava mais partir livremente nenhum navio que aportasse no porto de Bizâncio, ou infligia taxas aos armadores conforme o valor de seus navios, ou então os obrigava partir com mercadorias para a Líbia ou

¹⁰¹ Ibid., XXIV, 6. p. 118

¹⁰² Ibid., XXIV, 9. p. 119

¹⁰³ Ibid., XXIV, 14. p. 119

¹⁰⁴ Ibid., XXIV, 21. p. 120.

¹⁰⁵ Ibid., XXIV: 30. p.121

¹⁰⁶ Ibid., XXV: 5. p. 122

para Itália”¹⁰⁷. Os comerciantes compensavam os custos que lhes eram imputados pelo Estado, elevando os preços, o que provocava a fome.

XXVI Medidas desfavoráveis às profissões liberais e aos pobres

Justiniano suprime a dignidade de Retor. Aqueles que a possuíam são levados “[...] a uma extrema pobreza e retiravam de seu ofício somente insultos”¹⁰⁸. Suprime também os subsídios destinados aos médicos e professores; assim como aqueles destinados aos teatros, hipódromos e circos, ainda que fossem nesses “[...] lugares precisamente onde sua mulher havia nascido, crescido e recebido sua educação”¹⁰⁹. Enumeração dos mais diversos segmentos que foram prejudicadas pelo governo: assistentes dos magistrados; guardas do palácio; camponeses; proprietários e senhores de domínios; redatores de discursos; comerciantes; armadores; marinheiros; artesãos; trabalhadores; pequenos comerciantes e atores. Procópio inicia a enumeração dos males causados aos pobres. Justiniano “[...] depois de ter tomado o controle de todos os comércios e estabelecido o que era denominado de monopólio sobre os gêneros de primeira necessidade, fez com que todos pagassem por estes três vezes mais o preço habitual.”¹¹⁰ Além disso, eleva o preço do pão e obriga que à massa sejam misturadas cinzas “[...] para poder, todos os anos tirar, daí mais de três *centenaria* [...]”¹¹¹. Isso causa fome na população pobre, visto que “[...] era absolutamente proibido a qualquer um mandar vir até mesmo trigo de fora, mas todos eram obrigados a comprar esses pães e a comê-los.”¹¹² Apesar da necessidade de água, Justiniano não repara o aqueduto. Justiniano não se contenta em fazer o mal somente em Constantinopla, mas também em outras partes. Seguem-se alguns exemplos de medidas nefastas à população, que foram apoiadas pelo imperador em outros lugares: um certo Alexandre, chamado de “Tesouras”, corta soldos (pensões) de antigos funcionários do palácio de Roma, assim como a tradicional distribuição de trigo aos pobres. Na Grécia, o mesmo Alexandre não aplica os recursos públicos para os fins a que eram destinados. Em Alexandria, o

¹⁰⁷ Ibid., (XXV: 8). p. 123

¹⁰⁸ Ibid., (XXVI: 4). p. 125

¹⁰⁹ Ibid., (XXVI: 8). p. 126

¹¹⁰ Ibid., (XXVI: 19). p. 127

¹¹¹ Ibid., (XXVI: 21). p. 127

¹¹² Ibid., (XXVI: 22). p. 128

governador Hefaiostos estabelece o monopólio sobre vários produtos e, da mesma forma, extingue a tradicional distribuição de trigo aos pobres.

XXVII. Exemplos de política inconsequente

Justiniano ordena a Rhodon, governador da Alexandria, que apoie todas as ações de Paulo, novo grã-padre, que nomeara para essa cidade, esperando trazer à ortodoxia os refratários ao Concílio de Calcedônia. Arsênio, um palestino de religião samaritana, que se convertera aparentemente ao cristianismo por razões políticas, e que ascendera à condição de senador, acompanha Paulo até Alexandria para auxiliá-lo na missão. Paulo, o recém-nomeado grão-padre, entrega ao governador um diácono de nome Psoé e pede que ele seja condenado à morte “[...] alegando que ele sozinho era o obstáculo que o impedia de executar as decisões do Imperador”¹¹³. Instado pelo imperador através de várias cartas, Rhodon decide interrogar sob tortura o diácono Psoé, que acaba morrendo. “Quando o imperador foi informado, como estava muito pressionado pela imperatriz, logo lançou toda a culpa em Paulo, Rhodon e Arsênio, como se ele houvesse completamente esquecido as instruções enviadas a esses homens”¹¹⁴. Libério é nomeado governador de Alexandria, segue para a cidade com uma comissão para averiguar a morte de Psoé. Paulo é destituído; Rhodon, apesar de mostrar diversas cartas do imperador nas quais ordenava-lhe apoiar integralmente as ordens do grã-padre, é decapitado em Constantinopla; por fim, Arsênio é empalado. Paulo oferece “ao Imperador sete *centenaria* de ouro e pede para receber novamente o cargo, considerando que o haviam destituído ilegalmente”¹¹⁵. Justiniano aquiesce, mas o papa Vigílio proíbe que Paulo volte a sua condição.

Faustino, “[...] palestino de origem e de ascendência samaritana”¹¹⁶ é nomeado governador de sua província. Entretanto, alguns padres o acusam de “[...] praticar em segredo os ritos samaritanos e de ter tratado de maneira ímpia os cristãos que viviam na Palestina”¹¹⁷. Faustino é condenado pelos senadores ao exílio. Justiniano recebe vultosa soma de dinheiro de Faustino e o recoloca novamente no posto.

¹¹³ Ibid, XXVII: 14. p.132

¹¹⁴ Ibid, XXVII: 16. p.132

¹¹⁵ Ibid, XXVII: 20. p.132

¹¹⁶ Ibid, XXVII: 26. p.133

¹¹⁷ Ibid, XXVII: 27. p. 133

XXVIII. Outros exemplos de desprezo às leis

A igreja da cidade de Emesa¹¹⁸ torna-se a herdeira de Mammianos, um rico patrício. Anos depois, Priscos, um hábil falsário de escrita, entra em comum acordo com a igreja local, falsifica diversos documentos que atestam que os antepassados de ricas famílias dessa cidade eram devedores de Mammianos. Visto que “[...] a lei impedia isso, fixando para a maior parte das dívidas uma prescrição de trinta anos, e para algumas poucas [...] até quarenta anos.”¹¹⁹, os articuladores do golpe oferecem grandes somas de dinheiro para Justiniano. Este promulga uma lei válida para todo o Império que eleva a cem anos o prazo de prescrição das dívidas com a igrejas. Longino é enviado à Emesa, a mando de Justiniano, para supostamente resolver o problema. Solicita os documentos a Priscos, que se recusa a fornecê-los. Longino agride-o violentamente. Priscos supõe que Longino está a par de seus planos e acaba por confessá-los integralmente. Procópio atribui à “Providência Divina”¹²⁰ tal desfecho.

Menção à proibição imposta aos judeus por Justiniano de celebrar a Páscoa quando essa festa religiosa caísse em data anterior à Páscoa Cristã.

XXIX. Velhacarias de Justiniano

Justiniano destitui Libério da sua magistratura e o substitui por Laxarion. Pelágio, “[...] que era um dos grandes amigos de Libério [...]”¹²¹, ao inteirar-se da notícia, indaga o Imperador. Este último nega a veracidade da informação. Eudaimon, administrador da fortuna imperial e que era tio de Laxarion, “[...] interrogou também o imperador para saber se seu sobrinho tinha verdadeiramente essa magistratura”¹²². Justiniano escreve a Laxarion ordenando que ele assumo o posto. Libério “[...] apoiando-se, evidentemente, ele também, em uma carta do imperador,”¹²³ recusa a abandonar seu posto. Libério e Laxarion enfrentam-se com suas respectivas tropas, na refrega Laxarion morre. Libério é chamado a

¹¹⁸ Atualmente é a cidade de Homs na Síria que se situa a aproximadamente 37 Km com a fronteira Norte do Líbano.

¹¹⁹ Ibid. (XXVIII: 7). p.134

¹²⁰ Ibid. (XXVIII: 13). p. 135

¹²¹ Ibid (XXIX: 2). p. 136

¹²² Ibid (XXIX: 5). p. 136

¹²³ Ibid (XXIX: 8). p. 136

Constantinopla. O senado instaura um inquérito, mas acaba por absolvê-lo. Mesmo assim, Justiniano o pune, obrigando-o a pagar uma multa.

A filha de Anatólios, rico curial da cidade de Ascalon, casa-se com Mamilianos, curial de Cesareia. Uma lei decretava que quando da morte de um curial sem filhos homens, um quarto de seus bens seria destinado ao Tesouro Público e à Cúria. Justiniano reverte a lei e decreta que a herdeira deveria permanecer com somente um quarto, sendo que o restante seria destinado ao Tesouro e à Cúria. Anatólios morre e, conforme dispunha a referida lei, sua filha recebe um quarto da herança. Tempos depois, Mamilianos também morre. Da união de Mamilianos com a filha de Anatólios nascera uma única filha que vem a falecer antes de sua mãe, “Justiniano confisca todos os seus bens, alegando a espantosa razão que seria coisa ímpia que a filha de Anatólios, uma velha mulher, se enriquecesse com os bens de seu marido e de seu pai”¹²⁴. Mas Justiniano atribui-lhe uma mísera pensão, justificando-se: “é meu hábito agir de maneira santa e piedosa”¹²⁵.

Malthanés ocupa o cargo de referendário na Cilícia. O imperador dá instruções para deter os distúrbios que aí ocorriam, “[...] Malthanés, com esse pretexto, comete os piores excessos cruéis contra a maior parte dos habitantes da Cilícia [...]”¹²⁶. Os membros da facção dos azuis — aquela à qual Justiniano fazia parte — acreditando serem imunes às punições, lançam impérios contra Malthanés, que começa a persegui-los. O imperador ordena que sejam investigados os desmandos de Malthanés. Leon, o sogro de Malthanés, oferece “[...] uma grande quantidade de ouro, faz cessar ao mesmo tempo sua cólera e sua afeição aos Azuis”¹²⁷.

XXX. O correio imperial, os espiões, o cerimonial da corte

O correio imperial era organizado da seguinte forma: ao logo do trajeto feito pelos mensageiros, havia vários postos nos quais os cavalos eram trocados, assim era possível “[...] fazer em um dia o trajeto de dez dias [...]”¹²⁸. A economia local

¹²⁴ Ibid (XXIX: 24). p. 138

¹²⁵ Ibid (XXIX: 25). p. 138

¹²⁶ Ibid (XXIX: 29). p. 138

¹²⁷ Ibid (29: 35) p. 139

¹²⁸ Idem (XXX: 5) p. 140

era estimulada com a presença desses postos, pois os produtores locais vendiam ao Estado a alimentação que era fornecida aos cavalos. Justiniano diminuiu drasticamente a quantidade desses postos, o que faz com que as notícias cheguem muito atrasadas, dificultando a tomada de decisões a tempo; “o que resultou em muitos erros [...] entre outros a Lazica foi tomada pelos inimigos, pois os romanos não foram informados sobre o lugar em que se encontravam o rei dos persas e seu exército”¹²⁹. Além disso, a produção de grãos das proximidades dos postos é destruída, visto que o mercado consumidor fora extinto.

Instituição da obrigação de todos os senadores se prosternarem no solo e beijarem os pés tanto de Justiniano como de Teodora. Os imperadores anteriores recebiam poucas pessoas no Palácio:

A razão é que, antigamente, para as autoridades, era possível agir de maneira justa e legal, conforme o seu julgamento independente. Os magistrados, para administrar os assuntos habituais, residiam em seus escritórios e os súditos que não viam nenhuma violência, tampouco escutavam falar de nada, importunavam muito pouco o imperador, como se era de esperar.¹³⁰ (A tradução é nossa)

Com o governo de Justiniano e de Teodora, o palácio passa a estar sempre com grande movimento de pessoas, porque “[...] obrigavam que todos os cercassem, da maneira mais servil. Podia-se ver, quase todo dia, de um lado a maioria dos tribunais vazios, do outro, na corte do imperador, multidões — insolência, um grande tumulto, e todo tempo todo espécie de servilidade”¹³¹.

Procópio finaliza afirmando, mais uma vez, que Justiniano é o príncipe dos demônios, assim como a veracidade do seu relato.

2.4.2. Fortuna crítica

Anékdota (Ἀνέκδοτα) significa literalmente em grego “o que não foi publicado”. O prefixo ἀ, indicador da negação, antecede o adjetivo ἔκδοτος (ékdotos), do verbo ἐκδίδομι (ekidídomi), que significa “produzir para fora”,

¹²⁹ Idem (XXX: 14) p. 141

¹³⁰ “La raison en est qu'autrefois, pour les autorités, il était possible d'agir de manière juste légale, d'après leur jugement indépendant. Les magistrats, pour administrer les affaires habituelles, résidaient dans leurs bureaux, et les sujets qui ne voyaient aucune violence ni entendaient parler d'aucune, importunaient fort peu l'empereur, comme on pouvait s'y attendre” Idem (XXX: 28-29)

¹³¹ Idem (XXX: 30) p.143

“entregar” e “publicar um discurso”, como nos explica o dicionário Bailly¹³². A referida obra de Procópio de Cesareia era um texto de caráter eminentemente inédito e secreto, tanto que se intitula em grego simplesmente *Anékdota* e, mais tarde, em latim *Historia Arcana*, o que resulta na tradução em português *História Secreta*, como já assinalamos.

A existência de uma obra inédita de Procópio de Cesareia era somente conhecida através da *Souda*, essa espécie de enciclopédia literária bizantina *avant la lettre* com aproximadamente trinta mil entradas, onde às etimologias somam-se informações sobre personagens notórios e fragmentos de diversos autores. Até a descoberta e conseguinte publicação de Alemanni no século XVII, as *Anékdota* eram conhecidas somente através do verbete consagrado a Procópio de Cesareia que assim referia-se:

Illustrius de Cesareia na Palestina. Reitor e sofista. Escreveu a História Romana, isto é as Belizário patricio, as ações empreendidas em Roma e na Líbia. Viveu no tempo do imperador Justiniano, foi empregado de Belizário, e o acompanhou em todas as guerras e eventos dos quais recorda. Escreveu também um outro livro, a assim chamada *Anekdotia* com os mesmos eventos. As duas obras têm nove volumes. [Note-se] que o livro de Procópio chamado *Anékdota* contem abusos e deboches ao imperador Justiniano e a sua mulher Teodora, e a Belizário e a sua mulher.¹³³

Várias vozes entre os juristas se levantaram para contestar as *Anékdota*. Três anos somente após a publicação da edição de Alemanni, do outro lado do Canal da Mancha, o jurista inglês Thomas Ryves já mostrava sua indignação contra o documento exarado da Biblioteca Apostólica Vaticana. Em defesa do Imperador Justiniano, lançava o seu *Imperatoris Iustiniani defensio adversus Alemannun*

¹³² Bailly

¹³³ *Illustrius [in status];[1] of Caesarea in Palestine.[2] Rhetor and sophist. He wrote a Roman History, i.e. the wars of Belisarius the patrician,[3] the actions performed in Rome and Libya. He lived in the time of the emperor Justinian, was employed as Belisarius' secretary, and accompanied him in all the wars and events which he recorded. He also wrote another book, the so-called Anekdotia,[4] on the same events; both works [sc. together] are 9 books.[5]*

[Note that] the book of Procopius called Anekdotia contains abuse and mockery of the emperor Justinian and his wife Theodora, and indeed of Belisarius himself as well, and his wife.[6]

Προκόπιος, Ἰλλούστριος, Καισαρεὺς ἐκ Παλαιστίνης, ῥήτωρ καὶ σοφιστὴς. ἔγραψεν Ἱστορίαν Ῥωμαϊκὴν, ἣν οὖν τοὺς πολέμους Βελισαρίου πατρικίου, τὰ κατὰ Ῥώμην καὶ Λιβύην πραχθέντα. γέγονεν ἐπὶ τῶν χρόνων Ἰουστινιανοῦ τοῦ βασιλέως, ὑπογραφεὺς χρηματίσας Βελισαρίου καὶ ἀκόλουθος κατὰ πάντας τοὺς συμβάντας πολέμους τε καὶ πράξεις τὰς ὑπ' αὐτοῦ συγγραφείσας. ἔγραψε καὶ ἕτερον βιβλίον, τὰ καλούμενα Ἀνέκδοτα, τῶν αὐτῶν πράξεων: ὡς εἶναι ἀμφοτέρω βιβλία θ#. ὅτι τὸ βιβλίον Προκοπίου τὸ καλούμενον Ἀνέκδοτα ψόγους καὶ κωμωδίαν Ἰουστινιανοῦ βασιλέως περιέχει καὶ τῆς αὐτοῦ γυναικὸς Θεοδώρας, ἀλλὰ μὴν καὶ αὐτοῦ Βελισαρίου καὶ τῆς γαμετῆς αὐτοῦ.

auctore (Defesa do Imperador Justiniano contra o autor Alemanni). Para Santo Mazzarino, o mais intransigente foi Johann Eichel von Rautenkron (1621-1688), jurista da casa ducal de Brunswick-Lüneburg, que afirmou que as *Anékdota* eram absurdas e por isso não poderiam ser autênticas¹³⁴.

O interesse que suscitou o livro pode ser demonstrado pela incorporação da palavra *anecdote* à língua francesa ainda no século XVII, o mesmo século que vira a descoberta desses inéditos de Procópio. É ao historiador francês Antoine Varillas (1624-1696) que se atribui a primeira utilização do termo. No prefácio do livro *Les Anecdotes de Florence ou l'Histoire Secrète de la Maison de Médicis*, Varillas declarou que possuía as *Anékdota* de Procópio como modelo e, por isso mesmo, tentara, na mais legítima *imitatio*, seguir-lhe o método na sua gesta secreta dos Médicis:

Se Procópio, que é o único autor do qual nos resta anedotas, tivesse deixado por escrito as regras desse gênero de texto, eu não seria obrigado a fazer um prefácio, porque a autoridade desse excelente historiador, que a *Imprensa Real* acaba de nos dar tão corretamente, seria suficiente para colocar-me ao abrigo de todo tipo de crítica, supondo que eu as tivesse observado com exatidão¹³⁵. (A tradução é nossa)

Como se há de perceber, o século XVII parecia compreender as *Anékdota* como pertencentes a um gênero historiográfico que possuiria as próprias regras. Varillas esmerou-se em retirá-las da leitura de Procópio, visto que desconhecia tratado que fixasse as regras do gênero. Era a palavra que era reinventada em francês, com sentido moldado em referência às *Anékdota* de Procópio de Cesareia; já distante do antigo significado grego de “não publicados” ou “inéditos”. Antoine Furetière, um dos primeiros e mais importantes lexicógrafos franceses, não só explicita a relação etimológica direta da palavra *anecdote* com as *Anékdota*, como também endossa Varillas ao considerá-la uma forma específica de se fazer história:

¹³⁴ Santo Mazzarino : La fine del mondo antico: le cause della caduta dell'impero. p. 105

¹³⁵ *Si Procopé, qui est le seul Auteur dont il nous reste des Anecdotes, avait laissé par écrit les règles de ce genre d'écrire, je ne serais pas obligé de faire une préface, parce que l'autorité de cet excellent Historien, que l'imprimerie Royale vient de nous donner si correctement, suffirait pour mettre à couvert de toutes sortes de reproches, supposé que je les eusse observées avec exactitude.* VARILLAS, Antoine: *Les Anecdotes de Florence ou l'Histoire Secrète de la Maison de Médicis*. Haia: Adrian Moetiens, 1689.p2.

Termo do qual se servem alguns historiadores para intitular as histórias que fazem das coisas secretas e escondidas dos príncipes, quer dizer, as memórias que não vieram à luz e que não foram publicadas. Eles imitaram nisso Procópio, historiador que assim intitulou um livro que fizera contra Justiniano e sua mulher Teodora. É o único dos antigos que nos deixou anedotas, e que mostrou os Príncipes tais quais eram em casa. Varillas fez as Anedotas, ou História Secreta da Casa de Médicis. Essa palavra vem do grego que significa coisas que não foram publicadas, que foram mantidas secretas, que não foram dadas ao público¹³⁶. (FURETIÈRE, 1701, p.158) (A tradução é nossa)

A veracidade contida no que pretendia ser a continuidade da *História das Guerras de Justiniano* será motivo de grandes debates, o que se refletirá no próprio deslocamento semântico da palavra “anedota”. Como vimos, em um primeiro momento, o termo simplesmente aludia a escritos e/ou acontecimentos inéditos; em um segundo momento — por influência direta do livro de Procópio — o termo passa a concernir àquela categoria de história que se dedicava a desvelar os grandes na intimidade e pequenez. Ousaria uma aproximação, talvez o “gênero anedota” assemelhasse, em parte, à História da Vida Privada de nossos dias — tentativa de apreender os gestos íntimos e os significados recônditos do cotidiano, visto que estes possuíam menor espaço na então edificante gesta dos feitos históricos.

Uma das primeiras manifestações da palavra “anedota”, com o sentido próximo do que possui atualmente, parece ter saído da pena de Voltaire, no seu *Le Siècle de Louis XIV (O século de Luís XIV)*. Mas elas continuam intimamente relacionadas à escrita História, mesmo que sejam as sobras da História. O filósofo iluminista assim define o termo: “As anedotas são um campo fechado em que respigamos após a vasta colheita da história: são pequenos detalhes por muito tempo escondidos, e daí vem o nome de *anedotas*: elas interessam ao público quando concernem às pessoas ilustres”¹³⁷. Dos trinta e nove capítulos desse livro, Voltaire faz uso da palavra para nomear três: o capítulo 25, “*Particularité et anecdotes du règne de Louis XIV*” (Particularidade e anedotas do reino de Luis XIV), e os capítulos 26 e 27, ambos homônimos, “*Suite des particularités et anecdotes*” (Continuação das particularidades e anedotas). Perguntava o filósofo de Ferney se *As Vidas Paralelas*, de Plutarco, não seriam também: “[...] uma coletânea de anedotas mais agradáveis do que exatas: como haveria tido memórias

¹³⁷ VOLTAIRE: *Le Siècle de Louis XIV*. p. 303

fiéis sobre a vida privada de Teseu e de Licurgo?”¹³⁸. E o próprio Voltaire respondia perspicazmente, já percebendo que o que mais importava na escrita da História dos antigos — no *topos* da *Historia Magistra Viatae* — era o que dela se poderia tirar como exemplar: “Há, na maioria das máximas que ele [Plutarco] coloca na boca de seus heróis, mais utilidade moral do que verdade histórica”¹³⁹. Mas Voltaire não só definia o que era “anedota”, mas mencionava diretamente o fundador do gênero, chegando à conclusão, ao comparar as *Anékdota* às outras obras de Procópio, de que estas eram uma sátira mentirosa: “A História Secreta de Justiniano por Procópio é uma sátira ditada pela vingança; , ainda que a vingança possa dizer a verdade, essa sátira, que contradiz a história pública de Procópio, não parece sempre verdadeira”¹⁴⁰.

A *Encyclopédie ou Dictionnaire Raisonné des Sciences, des Arts et des Métiers*, essa gigantesca obra que representa todo o espírito e ideal de um século, registra “*anecdotes*” entre seus verbetes. Relaciona o termo tanto à História Antiga, quanto à Moderna e oferece as tradicionais informações etimológicas, restringindo o termo às histórias secretas, não de qualquer indivíduo, mas dos príncipes e dos demais que fizessem parte do cenário da política:

Anedota, s.f. p. (Hist. anc. & mod.) nome que os gregos davam às coisas que se fazia conhecer pela primeira vez ao público, composto do a privativo α com um v para a doçura da pronúncia, e ἔκδοτος que vem ele mesmo de ἔκ e de δίδωμι. Assim anedotas quer dizer coisas não publicadas. Essa palavra está em uso na literatura para significar historias secretas de fatos que se passaram no interior do gabinete ou das cortes dos Príncipes e nos mistérios de sua política¹⁴¹.

Como podemos ver, a definição apresentada por Voltaire aproxima-se mais do uso da palavra contemporaneamente do que aquela apresentada pela *Encyclopédie*. Voltaire nos diz que as anedotas “interessam ao público quando concernem às pessoas ilustres”, logo podemos supor que qualquer pessoa poderia ser tema de uma anedota, mesmo que poucos ou até ninguém viesse a se

¹³⁸ idem

¹³⁹ idem

¹⁴⁰ idem

¹⁴¹ ANECDOTES, s. f. p. (Hist. anc. & mod.) nom que les Grecs donnoient aux choses qu'on faisoit connoître pour la premiere fois au public, composé d'a privatif avec un v pour la douceur de la prononciation, & d'ἔκδοτος qui vient lui-même d'ἔκ & de δίδωμι. Ainsi *anecdotes* veut dire *choses non publiées*. Ce mot est en usage dans la Littérature pour signifier des histoires secretes de faits qui se sont passés dans l'intérieur du cabinet ou des cours des Princes, & dans les mysteres de leur politique.

interessar. Mas a *Encyclopédie* simplesmente faz referência às personagens ilustres sugerindo assim que uma anedota obrigatoriamente referia-se a essa categoria de pessoas.

Cícero, na XVII de suas epístolas a Aticcus, Liv. XIV, serviu-se dessa palavra anedota. Procópio intitulou anedotas um livro, no qual ele pinta com cores odiosas o Imperador Justiniano e Teodora, esposa desse príncipe. Parece que de todos os antigos, esse autor é o único que se deu semelhante permissão; pelo menos não há outro escrito desse gênero [além] do seu. Varillas, entre os modernos, publicou supostas anedotas da casa de Florença ou de Medicis, e semeou em várias outras obras diferentes traços de imaginação que deu como anedotas, e que não pouco contribuíram para desacreditar seus livros¹⁴².

Mas a palavra poderia guardar ainda o seu sentido etimológico, o de inédito, sem sofrer a influência do olhar melíflua que o historiador de Cesareia derramara sobre os bastidores do governo de Justiniano. Qualquer escrito nunca antes publicado poderia ser uma anedota, logo as Anedotas Gregas de Muratori não tinham relação nenhuma com as de Procópio, pois simplesmente retomavam o sentido da palavra em grego:

Mas além dessas histórias secretas pretensamente verdadeiras, a maior parte do tempo falsas ou no mínimo suspeitas, os críticos dão o nome de anedotas a todo escrito de qualquer gênero que seja, que ainda não foi publicado. É nesse sentido que M. Muratori mandou imprimir um grande número de escritos encontrados nas bibliotecas, dando-lhes o nome de anedotas gregas, Dom Martene publicou um tesouro das anedotas em cinco vol. In-fol. (G)¹⁴³

Esse momento de mudança de significado foi retido com uma nitidez quase fotográfica por Raphael Bluteau, no verbete “Anecdotos”, do seu *Vocabulário Portuguez & Latino*, a ambiguidade, entre inédito e história privada das grandes personagens, foi explicitamente registrada pelo lexicógrafo:

¹⁴² Ciceron dans la xvij. de ses épîtres à Atticus, Liv. XIV. s’est servi de ce mot *anedote*. Procope a intitulé *anedotes* un livre, dans lequel il peint avec des couleurs odieuses l’Empereur Justinien, & Théodore épouse de ce Prince. Il paroît que de tous les anciens, cet auteur est le seul qui se soit donné une pareille licence ; au moins n’a-t-on point d’autre écrit en ce genre que le sien. Varillas parmi les modernes a publié de prétendues *anedotes de la maison de Florence* ou *de Medicis*, & a semé dans plusieurs autres de ses ouvrages différens traits d’imagination qu’il a donnés comme *anedotes*, & qui n’ont pas peu contribué à décréditer ses livres.

¹⁴³ Mais outre ces histoires secretas prétendues vraies, la plûpart du tems fausses ou du moins suspectes, les critiques donnent le nom d’anedotes à tout écrit de quelque genre qu’il soit, qui n’a pas encore été publié. C’est dans ce sens que M. Muratori en faisant imprimer un grand nombre d’écrits trouvés dans les. Bibliothèques, leur a donné le titre d’anedotes Greques. Dom Martene a pareillement publié un thresor d’anedotes en cinq vol. in-fol. (G)

ANECDOTOS, he palavra Grega, composta do a privativo, e de Exdidomin, que Val tanto como dizer Dar à luz, Dar ao publico, cousa que ainda não foy publicada. Usa Cicero desta palavra na 19. Das suas Epistolas do livro 14. A Attico, fallando em huma obra, que ainda não havia dado à luz, onde diz Librum meum illum anecdoton, nondum ut volui, perpolivi; ista vero, quæ tu [...]. Primeiro que Cicero, usou Procopio Historiador desta palavra no titulo do livro, que ele fez contra Justiniano, e sua mulher Theodora; He obra singular, e quase sem exemplo, porque nella descobre as acçoens do Principe, propriamente como erão na vida privada, e domestica. Nestes nossos tempos Antonio Varilhas chamou Anecdotos de Florença, successos do Estado de Florença dos quaes ainda não havia noticia. Nos idiomas, em que fica introduzido este vocábulo, ainda não acho, que os Criticos tenhaõ decidido o genuíno significado, e uso próprio delle, a saber, se Anecdotos significaõ noticias de successos ainda não sabidos, e não dados à luz, se são historia das acçoens, e costumes particulares de hum Principe, ou historia, que o Author tem occulta, por descrever nella communia liberdade as acçoens de pessoa poderosa, que se poderia offender da declaração da verdade¹⁴⁴.

Mas se os dicionários atuais ainda preservam a definição de: “particularidade curiosa que acontece à margem dos eventos mais importantes, e por isso geralmente pouco divulgada, de uma determinada personagem ou passagem histórica¹⁴⁵”, dificilmente haveremos de encontrar atualmente quem endosse o outro segmento da definição oferecida por Varillas e Furetière. Escrever uma anedota era mais do que narrar particularidades curiosas do passado, era todo um modo específico de constituir o relato do que ocorrera em tempos pretéritos — ainda que Procópio de Cesareia, pai desse gênero, não haja deixado as regras para tal, o que era motivo de lamento da parte de Varillas. Em outras palavras, diríamos que de gênero historiográfico no século XVII, a “anedota” passou a ser o relato de algo simplesmente risível, sem maiores intuitos e sem qualquer vínculo mais direto com a atividade dos antiquários e, ainda mais distante, daquela dos historiadores.

O apanhado de boatos maliciosos que corria pelos corredores da corte de Justiniano fora, possivelmente, recolhido e, em parte, reinventados pelo cálamo fértil de Procópio. Para a redação das suas *Anékdota*, a confiabilidade das fontes foi relegada em nome de uma irascível e profunda inimizade a Justiniano e sua gente. Mas foi essa característica do livro secreto do historiador de Cesareia, verdadeiro compêndio de fatos íntimos, e muitas vezes a beirar o cômico, que fará com que as *Anékdota* transformem-se em um substantivo comum dicionarizado, a anedota, já longínquo das raízes semânticas originais, isto é, “os inéditos”.

¹⁴⁴ Bluteau, Rafael: Vocabulario Portuguez & Latino. 1827. p.48

¹⁴⁵ Houaiss, 2001, p.211

Montesquieu utilizou as *Anékdota* como uma das fontes para a redação das *Considerações sobre as Causas da Grandeza dos Romanos e de sua Decadência*. Apesar de algumas reservas quanto à fiabilidade dessa fonte, em geral considerou-a digna de confiança:

Eu não seria naturalmente levado a acreditar em tudo o que Procópio nos diz na sua *História Secreta*, porque os elogios magníficos que fizera desse príncipe [Justiniano] em suas outras obras enfraquecem seu testemunho nesta, onde ele o descreve como o mais estúpido e o mais cruel dos tiranos. || Mas confesso que duas coisas fazem com que eu seja pela *História Secreta*: a primeira, é que ela se liga melhor com a espantosa fraqueza em que se achava esse império no fim desse reino e nos seguintes. || O outro é um monumento que ainda existe entre nós: são as leis desse imperador, onde se vê, no correr de alguns anos, a jurisprudência variar mais do que fez nos trezentos últimos anos de nossa monarquia. || Essas variações concernem, na maior parte, a coisas de tão pequena importância que não se vê nenhuma razão que tivesse levado um legislador a fazê-las, a menos que se explique isso pela *História Secreta*, e que se diga que esse príncipe vendia igualmente seus julgamentos e leis¹⁴⁶. (A tradução é nossa)

Edward Gibbon parece ter sentido uma mescla de rubor e fascínio com a descrição de Procópio sobre a vida licenciosa de Teodora no teatro, como nos diz Cameron a respeito da atitude do historiador inglês do século XVIII:

[...] Gibbon escreveu que isso devia sujar a reputação e detratava o crédito de Procópio e decretava que certas passagens tinham, na sua inimitável frase, que ficar “na obscuridade da linguagem erudita”. Ao mesmo tempo dava-se ao trabalho de informar que lia com gosto a censura de Alemanni do notório capítulo nove sobre os hábitos sexuais de Teodora, e anotava com falsa solenidade que “um prelado erudito, que já havia morrido, gostava muito de citar essa passagem na conversa”. Assim, ele deu o tom de todas as subsequentes reações. No entanto, Gibbon (ao contrário dos juristas do século XVII) não teve dúvida sobre a autenticidade da *História Secreta* [...].¹⁴⁷

¹⁴⁶ *Je ne serais point naturellement porté à croire tout ce que Procope nous dit là-dessus dans son Histoire secrète, parce que les éloges magnifiques qu'il a faits de ce prince dans ses autres ouvrages affaiblissent son témoignage dans celui-ci, où il nous le dépeint comme le plus stupide et le plus cruel des tyrans. || Mais j'avoue que deux choses font que je suis pour l'Histoire secrète : la première, c'est qu'elle est mieux liée avec l'étonnante faiblesse où se trouva cet empire à la fin de ce règne et dans les suivants. || L'autre est un monument qui existe encore parmi nous : ce sont les lois de cet empereur, où l'on voit, dans le cours de quelques années, la jurisprudence varier davantage qu'elle n'a fait dans les trois cents dernières années de notre monarchie. || Ces variations sont la plupart sur des choses de si petite importance qu'on ne voit aucune raison qui eût dû porter un législateur à les faire, à moins qu'on n'explique ceci par l'Histoire secrète, et qu'on ne dise que ce prince vendait également ses jugements et ses lois. MONTESQUIEU, Charles de : Considérations sur les Causes de la Grandeur des Romains et de leurs Décadence. p.113*

¹⁴⁷ “[...] Gibbon wrote that it must “sully the reputation and detract from the credit of Procopius, and of which he decreed that certain passages must, in his inimitable phrase, be left “in the obscurity of a ‘learned language’. At the same time he took the trouble to inform the reader with relish of Alemanni’s bowdlerization of notorious chapter that ‘a learned prelate, now deceased, was fond of quoting this passage in conversation’. Thereby he set the tone of all subsequent

Gibbon aproximou-se de Montesquieu no que tange à avaliação da veracidade contida nas *Anékdota*. Entre as fontes consultadas para *Declínio e Queda Do Imperio Romano*, ao traçar o perfil de Justiniano, o historiador inglês do século XVIII concluiu sobre Procópio de Cesareia parecer não muito distante daquele do filósofo francês:

O adulator, enganado em suas esperanças, deixou-se ir talvez pelo prazer da vingança secreta e um gesto de favor poderia tê-lo determinado a suspender ou a suprimir um libelo, no qual o Ciro romano é somente um odioso e desprezível tirano, onde Justiniano e sua mulher Teodora são seriamente representados como demônios que assumiram a forma humana para destruir o gênero humano. Essas vergonhosas variações mancham sem dúvida a reputação de Procópio e prejudicam a confiança que ele poderia inspirar; entretanto quando separamos o que lhe dita a malignidade, descobrimos que o fundo das anedotas e mesmo os fatos mais vergonhosos, dos quais alguns deixara entrever em sua história pública¹⁴⁸ são endossados na verossimilhança ou em testemunhos autênticos contemporâneos.¹⁴⁹ (A tradução é nossa)

Já Ernest Renan admirou o estilo e a originalidade de Procópio de Cesareia, compartilhou o estranhamento que as *Anékdota* nos causam, mas também como bom exegeta percebeu as intenções tácitas inerentes ao texto. Em artigo publicado no *Journal des Débats* afirmava Renan que:

A *História Secreta* é, sob esse aspecto, uma obra preciosa e sem igual, uma verdadeira obra de arte, sem que o autor tivesse desconfiado disso. O ideal da banalidade e do mal, o quadro de um século baixo e malvado, não achará jamais um tal mestre para pintá-lo. Após ter lido esse livro estranho, não mais nos espantamos com a hipótese à qual o autor recorreu para explicar tantos crimes; é que Justiniano e Teodora não são Homens, mas os demônios que, para fazer a maior quantidade de mal possível, tomaram a forma de seres humanos¹⁵⁰. (A tradução é nossa)

reactions. Whereas however Gibbon (unlike the seventeenth-century lawyers), had felt no doubts about the authenticity of the Secret History [...]” Cameron, Averil: *Procopius and the sixth century*, 2006. p.49

¹⁴⁸ Gibbon faz referência a *História das Guerras de Justiniano* e *Dos Edifícios*, publicadas quando da vida de Procópio e que não denigrem a imagem de Justiniano e Teodora.

¹⁴⁹ *L'adulateur trompé dans ses espérances, se laissa peut-être aller au plaisir d'une vengeance secrète, et un coup d'œil de faveur put le déterminer à suspendre ou à supprimer un libelle, où le Cyrus romain n'est plus qu'un odieux et méprisable tyran ; où Justinien et sa femme Théodora sont sérieusement représentés comme des démons qui ont pris une forme humaine pour détruire le genre humain. Ces honteuses variations ternissent sans doute la réputation de Procope, et nuisent à la confiance qu'il pourrait inspirer ; toutefois, lorsqu'on a mis à l'écart ce que lui dicte sa malignité, on trouve que le fond de ses anecdotes, et même les faits les plus honteux dont il avait laissé entrevoir quelques-uns dans son histoire publique, sont appuyés sur la vraisemblance ou sur des témoignages authentiques et contemporains.* GIBBON, Edward: **Histoire de la Décadence et de la Chute de l'Empire Romain** pp.212-213

¹⁵⁰ *L'Histoire secrète est, sous ce rapport, une œuvre précieuse et sans pareille, une véritable œuvre d'art, sans que l'auteur s'en soit douté. L'idéal de la platitude et du mal, le tableau d'un*

A mais consubstancial contribuição para a autenticidade das *Anékdota* viria no começo do século XX, com o trabalho de filólogo alemão Jakob Haury, que “[...] dedicou toda a vida às pesquisas da obra de Procópio e realizou uma edição magistral [...]”¹⁵¹, sendo considerado um dos mais importantes estudiosos da obra de Procópio de Cesareia. Haury nasceu em 1862, foi professor do ginásio de Augsburg (1891), no ginásio de Munique (1892) e “diretor de estudos superiores” no ginásio de Kaiserslautern (1893). Entre os anos de 1905 e 1913, publicou na *Bibliotheca Teubneriana*, a edição da obra completa de Procópio de Cesareia, Cameron afirma que graças a essa edição foi “[...] estabelecida a uniformidade de estilo entre a *História das Guerras*, a *História Secreta* e *Dos Edifícios*”¹⁵². Segundo Mihăescu, Haury “leu com cuidado todos os manuscritos, buscou ver quais dentre eles eram originais e quais simples cópias e compôs o *stemma codicum* colocando a base das suas edições”¹⁵³.

Mais recentemente, é Arnaldo Momigliano que aponta para interessante aspecto desse livro de Procópio de Cesareia. Para o historiador italiano haveria muitos exemplos de textos da Antiguidade que se aproximavam das *Anékdota*. Mas a semelhança dava-se somente em determinados trechos. Em Procópio, a corrupção do governo de Justiniano é o tema principal a que se dedica o historiador. Assim nos diz Momigliano:

Mas eu conheço somente uma obra na qual a corrupção do governo torna-se o próprio assunto da história e dá forma por isso a sua própria estrutura. Aludo, como se percebe, a *Anecdota*, à *História Secreta* de Procópio, esse estranho produto de uma observação e de uma vingança mantida em segredo por anos e talvez por décadas. A obra apresenta-se como parte das *Histórias das Guerras* de Procópio e parece que deveria originariamente corresponder ao livro VIII. O nome de *Anecdota* e o conteúdo sugerem alguma conexão com as *Anecdota* de Cícero — um livro que Boécio ainda lia (“*Tullius in libro quem consiliis suis com posuit*”, *De int. Mus* I, I); mas, visto que nós só temos uma vaga idéia do que fora o livro de Cícero (também admitindo a identidade da *Anecdota* e do *Consiliis suis*), é escassa consolação sabê-lo um precedente de Procópio. Na literatura antiga que chegou até nós, as *Anedotas* de Procópio são isoladas, ainda que não seja difícil encontrar

siècle bas et méchant, ne trouvera jamais un tel maître pour le peindre. Après avoir lu ce livre étrange, on ne s'étonne plus de l'hypothèse à laquelle l'auteur a recours pour expliquer tant de crimes ; c'est que Justinien et Théodora ne sont pas des hommes, mais les démons qui, pour faire le plus de mal possible, ont pris la forme d'êtres humains. Renan, Ernest: *Anecdota ou Histoire Secrète de Procope de Césarée: Histoire Secrète*. Tradução e Comentários de Pierre Maraval. p.202

¹⁵¹Mihăescu, H. “Introducere”, 1972. p. 10

¹⁵² Cameron: *Procopius and the Sixth Century*, 2005. p.IX

¹⁵³ idem

páginas análogas como confirmação em escritores contemporâneos tal como João de Lido e o historiador eclesiástico João de Éfeso – em qual texto, como é notório, conservou-se parcialmente uma versão siríaca ¹⁵⁴. (A tradução e os grifos são nossos)

As observações de Momigliano são de extrema importância. Ele manifesta o estranhamento que causa a *História Secreta* e indica a originalidade desta no contexto historiográfico da Antiguidade. Procópio estruturou seu livro na descrição da corrupção da corte de Justiniano. Em tal contexto, a corrupção não é simplesmente um mal a ser relatado ou denunciado, registrá-la para a posteridade é o próprio objetivo da obra. Mas devemos de nos perguntar: a qual tipo de corrupção Procópio de Cesareia se refere? O que podemos de imediato perceber é que os costumes, a devassidão e a moral ocupam um lugar fundamental dentro dos argumentos do historiador de Cesareia. Por hora devemos reter os comentários de Momigliano, pois estes — mais a frente — serão fundamentais para o desenvolvimento de nossas hipóteses.

¹⁵⁴ *Ma io conosco una sola opera in cui la corruzione Del governo diventi Il soggetto stesso della storia e informi quindi la sua stessa struttura. Alludo, come si capisce, agli Anecdota, alla Storia Arcana di Procopio, questo strano prodotto di una osservazione e di una vendetta tenute segrete per anni e forse decenni. L'opera si presenta come una parte delle Storie delle Guerre di Procopio e pare che originariamente dovesse rappresentare il libro VIII. Il nome di Anecdota e il contenuto suggeriscono una qualche connessione con gli Anecdota di Cicerone – un libro che Boezio ancora leggeva (“Tullius in libro quem de consiliis suis composuit”, *De inst. Mus.* I, I); ma poiché noi abbiamo solo la più vaga idea di quel che il libro di Cicerone fosse (anche ammessa l'identità di Anecdota e *De consiliis suis*), è scarsa consolazione saperlo un precedente di Procopio. Nella letteratura antica giunta a noi, gli Anecdota di Procopio isolati, benché non sai difficile trovare pagine analoghe a conferma in scrittori contemporanei come Giovanni Lido e lo storico ecclesiastico Giovanni di Efeso – il cui testo, come è noto, ci è parzialmente conservato in versione siriana. MOMIGLIANO, Arnaldo: *Il Trapasso fra storiografia antica e storiografia medievale in Contributo alla storia degli studi classici*. Tomo primeiro. Edizione di Storia e Letteratura, 1975. p.65*